

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**METÁFORAS DA DEGRADAÇÃO:**

Um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica.

Alcino Lomas Alves

Manaus/AM  
2024

**Alcino Lomas Alves**

**METÁFORAS DA DEGRADAÇÃO:**

Um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Antônio Magalhães Guedelha

Manaus/AM  
2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

A474m Alves, Alcino Lomas

Metáforas da degradação: um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica / Alcino Lomas Alves. - 2024.  
97 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Carlos Antônio Magalhães Guedelha. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Manaus, 2024.

1. Ecocrítica. 2. Expressão amazônica. 3. Degradação ambiental.  
4. Metáforas. I. Guedelha, Carlos Antônio Magalhães. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título

---

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Universidade Federal do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Alcino Lomas Alves

**METÁFORAS DA DEGRADAÇÃO:**

Um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha - Orientador  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM/PPGL

---

Prof. Dr. Cácio José Ferreira - Membro  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM/PPGL

---

Prof. Dr. Fabrício Magalhães de Souza - Membro  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM/PPGL

---

Prof. Dr. Cássia Bezerra do Nascimento - Suplente  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM/PPGL

---

Prof. Dr. João de Jesus Paes Loureiro - Suplente  
Universidade Federal do Amazonas - UFPA/PPGL

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, o Supremo Árbitro do Universo, pela bondade em me permitir estar vivo e por tudo de bom que proporciona na minha vida. O Senhor me deu forças para, apesar das inúmeras dificuldades, concluir o curso de Mestrado.

Minha gratidão à Secretaria de Estado Educação e Desporto do Estado do Amazonas - SEDUC, pois por intermédio do convênio com a UFAM, permitiu a mim e a outros docentes fazer o processo seletivo para o ingresso no Mestrado do PPGL/UFAM.

Sou grato à Universidade Federal do Amazonas, pela oportunidade. Tenho a felicidade de ter feito Graduação e Mestrado em Letras nesta conceituada Instituição de Ensino Superior. Sou aluno da UFAM com muito orgulho.

Agradeço ao Professor Doutor Cácio José Ferreira, Coordenador do PPGL, que a todo instante incentivou a todos nós a continuarmos nossa caminhada como mestrandos.

Aos Doutores Fabrício Magalhães de Souza e Cácio José Ferreira, por gentilmente aceitarem compor a banca de defesa e pelas valiosas sugestões na Qualificação as quais me nortearam à conclusão da presente Dissertação.

Às minhas colegas do curso de Mestrado Narla Costa da Silva e Hercilaine Virgínia Oliveira Alves, pela preocupação em me ajudar para que eu não perdesse nenhum assunto das disciplinas, fazendo ligações e mandando mensagens de apoio e incentivo para que eu não desistisse.

Ao meu colega Professor Renan de Melo Alencar pelo apoio, incentivo e por ajudar a conduzir as atividades no meu local de trabalho, substituindo-me nos momentos em que eu precisava estar na UFAM.

Ao meu colega e amigo Professor José Farias Bernardes pelo apoio, incentivo e ajuda nos momentos em que eu mais necessitava, se oferecendo para contribuir naquilo que eu precisasse, trazendo-me sugestões de temas e teóricos para que eu acrescesse na presente Dissertação.

Ao meu amigo Professor Ivan Carlos Rufino Batista, por me incentivar a fazer a inscrição concorrer a uma vaga no Mestrado da UFAM, e ainda como

Gestor da escola em que eu trabalhava, sempre me permitiu ir até a UFAM para assistir às aulas presenciais das disciplinas e sempre me apoiou naquilo que eu precisava para finalizar o curso.

À minha amiga Professora Darling Katiuscia de Góes Borges, pelo apoio, incentivo e por sempre me ajudar cuidando da escola na minha ausência quando eu necessitava assistir às aulas presenciais na UFAM.

À minha amiga Professora Elenir Frota da Rocha, pelo apoio, incentivo, ajuda e por estar sempre presente com suas palavras de conforto nos momentos em que eu mais necessitava.

Ao meu amigo Márisson Roger da Silva Assunção, pelo apoio, incentivo e por apostar e investir no meu talento e na minha qualificação como docente e como liderança.

Aos meus amigos e parentes indígenas, Cacique Geral do bairro Parque das Tribos Ismael Franklin Gonçalves e Isael Franklin Gonçalves, Presidente da Associação dos Povos Indígenas do Amazonas, ambos da etnia Munduruku, povo ao qual tenho orgulho de pertencer, minha gratidão pelo apoio, incentivo e por sempre se colocarem à disposição para me ajudar no que eu precisasse para as minhas pesquisas.

Ao meu amigo e Irmão José Maria Câmara de Oliveira pelo apoio, incentivo e ajuda das mais diversas formas no momento em que mais necessitei me dedicar exclusivamente à escrita desta Dissertação.

Ao meu amigo e Irmão José Marconi Moreira Filho, por sempre me abordar com palavras de incentivo, me apoiando para não desistir da missão de concluir o presente curso de Mestrado.

À minha amiga e chefe Professora Doutora Edilene Ferreira Pinheiro, que com sua garra e vontade de vencer foi uma grande colega tanto na graduação, pós-graduação Latu Sensu e viagens em busca de qualificação profissional, me incentivando a ir à luta visando alcançar os meus objetivos.

Finalmente e de forma muito especial, meus mais efusivos agradecimentos ao meu orientador Professor Doutor Carlos Antônio Magalhães Guedelha pela paciência, apoio, incentivo e sugestões que contribuíram muito para o meu aprendizado como aluno e como docente. Meu carinho, admiração e gratidão ao Doutor Guedelha vêm desde a graduação, pois com suas aulas bem-humoradas, as quais sempre chamei de aulas-show, ele contribuía com a

construção do nosso conhecimento com segurança e leveza, fazendo da arte de ensinar um momento de alegria, descontração e aprendizado. Sou um fã que é orientado pelo seu Grande Ídolo na educação.

A todos vocês meu mais profundo agradecimento, pois todos foram muito importantes em mais essa etapa da minha vida.

## DEDICATÓRIA

À minha esposa, amor da minha vida, Rosileide de Oliveira Lomas, pelo companheirismo, apoio, ajuda, por sempre estar pronta para me confortar com palavras vindas do trono de Deus através do Volume das Sagradas Escrituras, por sempre me aconselhar visando o melhor para a família que o Supremo Pai, através do matrimônio, nos permitiu construir, amar, cuidar e estar sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins da vida.

Às minhas filhas, amores da minha vida e razão pela qual meus dias se tornam mais felizes, Laísa Lomas, Anelise Lomas e Alane Cristina Lomas, por estarem me incentivando a não desistir, a vencer as dificuldades, a superar os desafios.

Aos meus pais Alcino Alves Filho e Hermes Lomas Alves, que me trouxeram à luz do mundo e sempre trabalharam visando dar o melhor para mim e meus irmãos, por sempre me incentivarem a estudar para vencer na vida, por sempre me aconselharem para o meu sucesso.

Aos meus irmãos Maria Lomas, Gean Lomas, Fábio Lomas, Leivo Lomas, Rayonece Lomas e Ionece Lomas, pelo companheirismo, amor e por sempre me ajudarem nos momentos de maior necessidade, com palavras, carinho ou ajuda financeira.

Aos meus cunhados Iraneide de Oliveira Santos, José Deurivan de Oliveira Santos, Davi Nogueira da Silva, Messias da Costa Meirelles, Anne Cristine Gomes Machado, Débora Lana Farias Trindade, por me incentivarem e me ajudarem a continuar minha jornada como estudante.

Aos meus sobrinhos Flávio Lomas, Melody Leigh Lomas, Joy Leigh Lomas, Davi Lomas, Melina Lomas, Dom Lomas, Zion Lomas, Laíz Leiva Lomas e Cauã Leivo Lomas por existirem e serem joias preciosas na minha vida.

À minha sogra Ivanete Sebastiana de Oliveira Santos pelo incentivo e pelos conselhos para o meu constante aprimoramento como pessoa;

Amo a todos vocês.

## EPÍGRAFE

*“A metáfora é o mais nutritivo alimento da poesia.”*

*(Alcino Lomas)*

*“O temor do Senhor ensina a sabedoria e a humildade precede a honra.”*

*(Provérbios 15:33)*

## RESUMO

Esta dissertação teve o objetivo geral abordar as metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão amazônica para retratar os flagrantemente de degradação humana e ambiental no espaço amazônico, bem como: A) Elaborar um quadro teórico sobre a metáfora como recurso disponível aos poetas e ficcionistas para a recriação da realidade; B) Discorrer sobre a ecocrítica no âmbito da teoria literária e sua relação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de Literatura; C) Rastrear, em textos de poetas e ficcionistas de expressão amazônica, metáforas que, de alguma forma, retratem os flagrantemente de degradação humana ambiental. O quadro teórico que dá a sustentação científica a este trabalho conta com três eixos básicos de investigação: o primeiro diz respeito à literatura como recriação da realidade, tendo a metáfora como recurso por excelência para essa recriação; o segundo é concernente ao ensino contextualizado e produtivo de literatura na educação básica; e o terceiro volta-se para a ecocrítica e sua vinculação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de Literatura. Contribuições importantes dar embasamento à presente dissertação vieram dos teóricos: George Lakoff e Mark Johnson (2002) com metáforas da vida cotidiana, Carlos Antônio Magalhães Guedelha (2013) com a Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha, Paul Ricoeur (2000) com *A metáfora viva*. A metodologia empregada é qualitativa através de revisão bibliográfica e comparação das diferentes abordagens utilizadas pelos autores, destacando semelhanças e contrastes nas metáforas escolhidas e em seus propósitos literários. A pesquisa bibliográfica forneceu elementos para a fundamentação teórica e contribuiu para embasar as análises realizadas e a versão final desta dissertação. Entre os pressupostos teóricos essenciais para o embasamento do estudo, estão os conceitos de metáfora, literatura e degradação ambiental. Conclui-se que as metáforas usadas pelos poetas e ficcionistas de expressão amazônica nas suas produções são recursos extremamente válidos, pois além de tornarem as produções belas, levam o leitor a profundas reflexões a respeito do que ocorre ao seu redor, no seu bairro, na sua cidade, no seu país e no mundo, bem como facilita a comunicação e contribui para a compreensão. Por intermédio dos estudos realizados, depreendeu-se que a metáfora é um importante meio pelo qual se consegue de forma eficaz despertar o senso crítico dos leitores de um modo geral.

**Palavras-chave:** Ecocrítica. Expressão Amazônica. Degradação Ambiental. Metáfora.

## RESUMEN

Esta disertación tuvo como objetivo general abordar las metáforas utilizadas por poetas y ficticios de expresión amazónica para retratar la flagrante degradación humana y ambiental en el espacio amazónico, así como: A) Desarrollar un marco teórico sobre la metáfora como recurso al alcance de los poetas y escritores de ficción a la recreación de la realidad; B) Discutir la ecocrítica en el ámbito de la teoría literaria y su relación con el tema transversal del medio ambiente en las clases de Literatura; C) Trazar, en textos de poetas y ficticios de expresión amazónica, metáforas que, de alguna manera, retratan la flagrante degradación de la vida y el medio ambiente. El marco teórico que da sustento científico a este trabajo tiene tres ejes básicos de investigación: el primero concierne a la literatura como recreación de la realidad, con la metáfora como recurso por excelencia para esta recreación; el segundo se refiere a la enseñanza contextualizada y productiva de la literatura en la educación básica; y el tercero se centra en la ecocrítica y su conexión con la temática transversal del medio ambiente en las clases de Literatura. Importantes aportes para sustentar esta disertación vinieron de teóricos: George Lakoff y Mark Johnson (2002) con metáforas de la vida cotidiana, Carlos Antônio Magalhães Guedelha (2013) con la Metaforización de la Amazonía en textos de Euclides da Cunha, Paul Ricoeur (2000) con La metáfora viva. La metodología utilizada es cualitativa a través de revisión bibliográfica y comparación de los diferentes enfoques utilizados por los autores, resaltando similitudes y contrastes en las metáforas elegidas y sus propósitos literarios. La investigación bibliográfica aportó elementos para la fundamentación teórica y contribuyó a sustentar los análisis realizados y la versión final de esta disertación. Entre los supuestos teóricos esenciales que subyacen al estudio se encuentran los conceptos de metáfora, literatura y degradación ambiental. Se concluye que las metáforas utilizadas por poetas y ficticios de expresión amazónica en sus producciones son recursos sumamente válidos, pues además de embellecer las producciones, llevan al lector a reflexiones profundas sobre lo que sucede a su alrededor, en su barrio, en su ciudad, su país y el mundo, además de facilitar la comunicación y contribuir al entendimiento. A través de los estudios realizados se concluyó que la metáfora es un medio importante mediante el cual es posible despertar efectivamente el sentido crítico de los lectores en general.

Palabras clave: Ecocrítica. Expresión amazónica. Degradación ambiental. Metáfora.

## SUMÁRIO

Introdução.....	12
<b>Capítulo I.....</b>	<b>20</b>
1.0 A importância da literatura na formação dos alunos.....	20
1.1 A Ecocrítica e sua importância para a formação do pensamento crítico dos alunos.....	26
1.2 A ecocrítica no âmbito da teoria literária e sua relação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de literatura.....	27
1.3 Raízes da ecocrítica.....	30
1.4 Primeira onda da ecocrítica .....	31
1.5 Segunda onda da ecocrítica .....	34
1.6 Representação da natureza na literatura .....	36
1.7 A literatura de expressão amazônica: expressão cultural e ambiental de uma região única.....	37
1.8 A degradação ambiental e humana como tema nas aulas de literatura .....	41
<b>Capítulo II.....</b>	<b>47</b>
2.0 A Metáfora: Uma figura de linguagem essencial na comunicação humana.....	47
2.1 A metáfora cognitiva e sua importância .....	50
2.2 A metáfora na construção do conhecimento.....	55
<b>Capítulo III.....</b>	<b>63</b>
3.0 As metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão amazônica que retratam os flagrantíssimos de degradação da vida e do ambiente .....	63
3.1 Cinzas do Norte .....	63
3.2 Lamento de Raça .....	65
3.3 O Tocador de Charamela .....	67
3.4 Dois Irmãos .....	70
3.5 Possibilidade de inserção das metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão nas aulas de literatura .....	76
Conclusão.....	79
Referências.....	82

## INTRODUÇÃO

Desde os períodos finais da graduação em Letras, bem como ao longo da carreira como professor da Secretaria Municipal de Educação de Manaus e da Secretaria de Estado de Educação da Educação e Desporto, e ainda passando pelo curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tenho dedicado especial atenção à literatura, e mais particularmente à de expressão amazônica.

Na sala de aula, procuro levar aos meus alunos textos em prosa e verso, de autores da região norte do Brasil, exercendo de forma mais enfática um olhar sobre a produção literária do Amazonas. Ler e estudar a literatura do Amazonas sempre me instigou rumo à pesquisa porque considero um campo vasto que tem potencial para a pesquisa nas mais diversas linhas de investigação.

Nas escolas em que atuei como docente, sempre estimulei nos alunos o gosto pela literatura de forma geral, todavia com um olhar mais acurado às produções realizadas pelos autores da nossa terra. Tanto é que sob minha coordenação e por iniciativa minha, apoiado pela gestão e demais professores, uma escola estadual, na qual atuei como professor de Língua Portuguesa e Literatura, realizava todos os anos Mostras de Literatura, com atenção voltada para a literatura de expressão amazônica, sendo que esse projeto atualmente faz parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Instituição.

Nos textos que levo para as aulas, rastreio aqueles com temas que fazem parte do cotidiano dos discentes, fazendo com que eles reflitam sobre sua realidade na periferia de Manaus, procurando aflorar neles o senso crítico. A metáfora, por ser um recurso muito utilizado pelos poetas e ficcionistas, despertou em mim a vontade de apresentá-la ainda mais aos novos leitores. Adicionado a tudo isso o desejo de fazer dos alunos da educação básica leitores e conhecedores da literatura amazônica, tenho os ingredientes perfeitos para a constante busca de aperfeiçoamento da minha formação na área das letras.

Assim, a oportunidade que o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas proporcionou, de desenvolver

investigações no campo dos estudos literários direcionados para a literatura de expressão amazônica, estimulou-me a trabalhar na elaboração do projeto de pesquisa que foi o embrião da presente dissertação.

A escolha do tema relativo a *Metáforas da degradação: um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica*, foi consequência das ações expostas no relato supracitado. Por ser atual e despertar debates acalorados no Amazonas e no mundo, considero que esse tema merece um estudo especializado em nível de Mestrado e, quiçá, até em nível de Doutorado. Ao fazer um rastreamento dos estudos publicados, observei que o tema em questão foi pouco explorado cientificamente, mesmo sabendo que há uma enorme quantidade de materiais aguardando investigadores interessados em explorá-lo.

Foi nesse vazio que se colocou o meu projeto de pesquisa, tendo como baluarte as abordagens teóricas da metáfora, particularmente aquela proposta por Lakoff e Johnson (2002), que é a teoria da metáfora conceptual, a qual utilizo como teoria de base por acreditar que se encaixa dentro do projeto.

O que mais motivou a presente investigação foi a oportunidade de poder contribuir teoricamente para os estudos literários regionais, despertando o interesse sobre esse tema nos futuros pesquisadores da área da literatura. Portanto esta Dissertação de Mestrado tem como base a análise da forma como os poetas e ficcionistas abordam metaforicamente o problema da degradação ambiental e humana nos textos literários de expressão amazônica. Sobre esse fato, pelo que atentamente observei, não há até o presente momento nenhum trabalho de caráter científico que tenha se dedicado ao estudo das metáforas da degradação. Por esse motivo estou convicto de que o tema em questão satisfaz à condição de ineditismo, exigência que esta modalidade de estudo requer.

Dos problemas que a humanidade enfrenta atualmente, a degradação ambiental é o mais intrinsecamente transnacional. Prova disso é que temas como preservação do meio ambiente, desenvolvimento sustentável e educação ambiental passaram a ter grande importância em meio a um contexto mundial que apresenta um ambiente extremamente fragilizado. Conforme Lima (2015), tal fato ocorre em razão de a degradação ambiental atingir seu ápice nos últimos anos. A preocupação com o meio ambiente deixou de ser exclusiva de

biólogos, geógrafos e ecologistas e passou a envolver um número maior de pessoas.

Nesse contexto, a escola pública, responsável pela formação de jovens conscientes dos seus deveres, tem enorme relevância, haja vista que, de acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), é papel da educação básica assegurar uma formação indispensável para o exercício da cidadania. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação ambiental é um dos temas transversais, e dentre outros aspectos deve ser trabalhada enfatizando-se os aspectos ecológicos, possibilitando uma visão mais integradora e de melhor compreensão das questões ambientais como um todo. Como tema transversal, a preocupação com a degradação ambiental deve estar presente em todas as disciplinas, estando a literatura inserida neste contexto, dada a sua importância como veiculadora dos mais diversos saberes.

É nesse encaixe contextual que se insere o presente trabalho, que aborda sobre a importância da metáfora e a inserção da problemática ambiental nas aulas de literatura em uma escola da rede pública de Manaus, capital do Amazonas, por meio de um trabalho significativo e produtivo, a partir da certeza de que a Educação Ambiental pode contribuir decisivamente para a formação de leitores engajados nos temas atuais e de cidadãos preocupados em construir um mundo melhor, preservando o meio ambiente em que vive. O estudo nasce da necessidade de contextualizar a realidade dos alunos com os conhecimentos a respeito de literatura e meio ambiente, buscando investigar o poder de reflexão que os textos literários têm junto aos alunos da educação básica.

O desejo de refletir sobre a degradação ambiental se deve ao fato de este ser um dos temas de maior evidência no mundo inteiro atualmente. A cada minuto queimadas destroem florestas, garimpeiros jogam quantidades enormes de metais pesados nos rios, indústrias jogam toneladas de gases tóxicos na atmosfera, animais silvestres são mortos, peixes são levados à extinção devido à poluição das águas e assoreamento dos rios. Essa preocupação se avulta mais ainda quando se trata do espaço amazônico, uma região onde a natureza e a cultura se entrelaçam vigorosamente e formam uma unidade indissolúvel,

como enfatiza Márcio Souza (2003). A quebra dessa harmonia equivale a um crime contra o qual o cidadão deve ser educado desde muito cedo.

A educação por meio da apreciação de textos literários é muito eficaz, porque a literatura transporta a realidade para suas páginas, mediada pelo olhar do(a) artista. O artista literário cria metáforas que representam os flagrantíssimos do mundo observado e vivido, fazendo, por meio delas, o leitor reviver as cenas e cenários, e refletir criticamente sobre a sua realidade. É nesse sentido que foi elaborada a Dissertação, cujos problemas de pesquisa foram definidos nos seguintes termos: de que metáforas poetas e ficcionistas de expressão amazônica se servem para retratar os flagrantíssimos de degradação humana e do meio ambiente no espaço amazônico? Qual a validade do uso dessas metáforas como estratégias para o ensino do tema transversal do meio ambiente em aulas de literatura no ensino médio?

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a forma como o tema da degradação é recriado metaforicamente na literatura de expressão amazônica, e investigar qual o alcance dessa produção artística e reflexiva como ferramenta pedagógica no ensino de literatura. Apresenta também como objetivos específicos as seguintes proposituras:

A) Analisar a metáfora como recurso disponível aos poetas e ficcionistas para a recriação da realidade, em que através da revisão bibliográfica abranger-se-á estudos críticos e análises literárias que destaquem as características estilísticas e simbólicas presentes nas obras a serem analisadas, bem como a comparação das diferentes abordagens utilizadas por cada autor, destacando semelhanças e contrastes nas metáforas escolhidas e em seus propósitos literários, e ainda a análise crítica das obras para possibilitar uma compreensão mais abrangente das representações literárias da degradação na região amazônica;

B) Discorrer sobre a ecocrítica no âmbito da teoria literária e sua relação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de literatura;

C) Rastrear, em textos de poetas e ficcionistas de expressão amazônica, metáforas que, de alguma forma, retratem os flagrantíssimos de degradação da vida e do meio ambiente, para posterior análise e interpretação;

O quadro teórico que dá a sustentação científica à pesquisa conta com três eixos básicos de investigação: o primeiro diz respeito à literatura como

recriação da realidade, tendo a metáfora como recurso por excelência para essa recriação; o segundo é concernente ao ensino contextualizado e produtivo de literatura na educação básica; e o terceiro volta-se para a ecocrítica e sua vinculação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de literatura.

No que diz respeito ao primeiro eixo, relativo à metáfora, iniciamos a construção do quadro teórico da pesquisa em diálogo com Aristóteles, no sentido de investigar o pioneirismo do filósofo no sentido de refletir sobre a forma como a arte, especialmente a poesia, recria a realidade. Para tanto, é fundamental o livro *Poética*, no qual, inclusive, estão estabelecidas as primeiras referências à metáfora e o seu conceito primordial.

A partir de Aristóteles, recorreremos também a outros estudiosos que retomaram as abordagens do estagirita para, a partir daí, acrescentarem novos saberes. Nesse sentido, damos destaque para o pensador Paul Ricoeur (2000), que em *Metáfora Viva* analisa a metáfora em diferentes níveis, situando-a no âmbito da palavra, da frase e, finalmente, do discurso. Esse escalonamento proposto por Ricoeur se revela bastante coerente e sustentado por uma argumentação lúcida; ainda no que concerne ao fenômeno linguístico e estético da metáfora, investigamos o livro *Metáfora*, de Tony Berber Sardinha (2007).

Trata-se de uma obra que aborda as diversas correntes teóricas sobre a metáfora, desde a concepção aristotélica até as compreensões atuais, fartas de conceitos e exemplificações no que diz respeito às ocorrências metafóricas em textos de naturezas diversas. Fundamentais foram também as contribuições de: George Lakoff e Mark Johnson (2002), com *Metáforas da vida cotidiana*, pela proposta da teoria conceptual da metáfora, situando-a no pensamento, para além da linguagem; Carlos Antônio M. Guedelha (2013), com *Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*. Essas obras e textos de outros estudiosos do fenômeno metafórico darão forma ao quadro teórico desse campo de estudos.

Quanto ao segundo eixo, respeitante ao ensino de literatura de forma contextualizada e em sintonia com o mundo tal como ele é hoje, foram importantes os escritos de Guimarães (1995), que discorre sobre a dimensão ambiental na educação. Na sociedade que vivemos, impregnada pelo consumismo, pelo lucro sem se importar com as consequências, pela alienação às propagandas, há pouco espaço para discussão de temas que levem o

homem à reflexão sobre suas atitudes. A literatura, por abrir possibilidade para a abordagem e debate sobre inúmeros temas, possui um papel relevante na formação do cidadão, pois atua como instrumento de educação, de formação do homem, haja vista que vem a exprimir realidades que a ideologia dominante busca ocultar (Amorim, 2001).

Por meio dos textos literários o homem pode refletir sobre suas ações, se colocando no lugar do outro e interiorizando com mais intensidade as informações dadas pela poesia e pela ficção (Cosson, 2006). Para Lajolo (2001), a literatura é porta para diferentes mundos, os quais nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que nascem por intermédio da literatura permanecem no leitor, incorporados como vivência, como marcos da experiência de leitura de cada um. A literatura nas escolas de educação básica é o passaporte para um novo horizonte, mostrando aos alunos seu papel na sociedade, com pensamento e ação crítica.

A literatura, dado o seu alcance, é uma importante ferramenta de transmissão de conhecimento, divulgação da cultura de uma determinada comunidade, comunicação, fonte de relatos históricos, interação social e diversão.

O professor é um agente muito importante nesse processo, pois além de ensinar os conteúdos curriculares, deve despertar no aluno o senso de viver em comunidade, fazendo com que o discente perceba a relação com o conteúdo ensinado, e dessa forma, seja um modificador da sua realidade abrindo janelas de transformação

De acordo com Goulart *et al* (2003) a literatura não só nos apresenta a realidade sob aspectos originais, ficcionais ou não, como também desperta em nós a sensibilidade, mostrando que podemos e devemos ser diferentes daquilo que somos. O aluno deve ser levado a conhecer e refletir sobre a realidade na qual ele está inserido, ou seja, para que ocorra uma aprendizagem com significado social, os conteúdos têm que estar inseridos no seu contexto social e cultural (Silva, 2013).

Considerando que o papel fundamental do ensino para o exercício da cidadania está no desenvolvimento da capacidade de participação do indivíduo, bem como a literatura como objeto de transformação do homem, nota-se que as melhores estratégias de ensino são aquelas que desenvolvam a

participação ou a capacidade de tomada de decisão. Para isso, são recomendadas atividades, tais como: discussão estruturada, fóruns e debates, estudo de casos, análise de dados, leitura de textos, pesquisas de campo e ações comunitárias.

A reflexão sobre textos literários que abordam o problema da degradação ambiental é importante porque pode proporcionar ao cidadão a compreensão sobre o seu papel como integrante desse contexto e embasar seus posicionamentos, produzindo “um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo” [...] (Cândido, 2006, p.30).

Quanto às diretrizes para o ensino e os temas transversais, o aporte teórico conta com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ministério da Educação para a educação básica, especialmente as especificidades do tema transversal do meio ambiente. Isso somado a textos de pesquisadores que se dedicaram ao estudo da temática. Em relação à ecocrítica e sua ligação com os estudos literários, sabe-se que se trata de um campo de estudos relativamente recentes, que atrai um grande número de pesquisadores.

Estuda as aproximações entre ecologia e crítica, dando especial enfoque para o trato com a natureza nas manifestações literárias. Para o quadro teórico desse campo, recorreremos aos seguintes estudos: *Ecocrítica*, de Greg Garrard (2006); *A contribuição da ecocrítica ao ensino de Literatura*, de Pinto e Magalhães (2013).

Com o intuito de responder ao problema objeto desta pesquisa e alcançar os objetivos traçados, este projeto trabalha a abordagem qualitativa, para tecer as reflexões e considerações inerentes à temática ambiental a ser desenvolvida. Na abordagem qualitativa, a pesquisa é de natureza bibliográfica e documental.

A metodologia de pesquisa qualitativa, de acordo com Yin (2015), é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes. O que se espera é estabelecer uma estrutura que permita a abertura de espaço para discussão e debate entre os alunos.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para explorar as metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão amazônica nos trabalhos *Cinzas do Norte*, *Lamento de Raça*, *O Tocador de Charamela* e *Dois Irmãos*. O processo ocorreu pela identificação de fontes confiáveis, como livros, artigos científicos e ensaios, que abordam o contexto amazônico, suas representações literárias e, especificamente, as metáforas associadas à degradação da vida e do meio ambiente, uma vez que a humanidade sofre a cada as consequências de tais degradações.

A revisão bibliográfica abrangeu estudos críticos e análises literárias que destaquem as características estilísticas e simbólicas presentes nas obras mencionadas.

Além disso, a metodologia incluiu a comparação das diferentes abordagens utilizadas por cada autor, destacando semelhanças e contrastes nas metáforas escolhidas e em seus propósitos literários. A análise crítica das obras em conjunto possibilita uma compreensão mais abrangente das representações literárias da degradação na região amazônica.

A distribuição dos temas na dissertação foi organizada da seguinte forma: O primeiro capítulo aborda a literatura e a ecocrítica: importância na formação dos alunos. Em seguida é tratado o tema da metáfora como recurso disponível aos poetas e ficcionistas para a recriação da realidade. A terceira parte traz as metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão amazônica que retratam os flagrantemente de degradação da vida e do ambiente: *Cinzas do Norte*, *Lamento de Raça*, *O Tocador de Charamela* e *Dois Irmãos*.

## **CAPÍTULO I**

### **1.0 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS**

Como professor sei que a literatura tem gigantesca importância quando se trata da formação da identidade cultural. Através dos textos literários, o aluno é levado a refletir sobre o seu modo de vida, a sua realidade e de manifestar seu posicionamento de forma crítica e segura em qualquer ambiente que esteja. A leitura dos sobreditos textos é um grande incentivo à imaginação, à criatividade e traz grande ajuda para as crianças e jovens no que diz respeito à construção de diversos conhecimentos, inclusive de solidificar a identidade com sua terra natal, fato esse que, no caso da literatura brasileira, veio a acontecer nos períodos do Romantismo e principalmente do Modernismo, quando a nossa literatura ganhou autonomia (Cândido, 2000).

A literatura desempenha um papel importante na sociedade, na família e na formação do estudante, fornecendo uma ampla gama de benefícios intelectuais, emocionais e sociais. A literatura contribui de forma inequívoca para a transformação de uma sociedade, transmitindo a cultura e os conhecimentos de uma comunidade, pois está intimamente ligada ao meio social no qual tem origem, uma vez que o artista literário não consegue ficar indiferente à realidade que o permeia, e com isso difunde por intermédio de suas obras suas emoções, seus pontos de vista acerca de determinado tema, sua visão de mundo, fazendo com que o leitor reflita e seja um agente de transformação social.

Segundo Antônio Cândido (2004), a literatura propicia profunda compreensão de nós mesmos e do mundo, sendo uma das mais ricas e complexas formas de expressão humana.

Na sociedade, a literatura exerce uma ação fundamental na preservação da cultura e na promoção da diversidade na sociedade. A escritora nigeriana Adichie (2019) afirma que a literatura é um elo que une diferentes culturas, fazendo com que seja ampliada nossa compreensão do mundo. Através da leitura de obras literárias, as pessoas engajam-se com histórias e perspectivas de vida que vão além de nossas próprias vivências, promovendo e intensificando a aprendizagem (Do Prado, 2022).

No âmbito familiar, a literatura estimula o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças, contribui para a ampliação do acervo léxico, o desenvolvimento da leitura, estimula a imaginação infantil e tem papel importante na formação da personalidade.

Segundo a educadora italiana Maria Montessori (1949), a literatura se constitui em uma janela para o mundo, a qual desperta a imaginação e alimenta a curiosidade dos pequenos, propiciando às crianças ampla visão da vida. Ao ler em família, pais e filhos estabelecem um vínculo afetivo para toda a vida além de compartilharem momentos de aprendizado e reflexão (Jesus, 2022).

No contexto educacional, a literatura é uma ferramenta valiosa para a formação do estudante, haja vista que leva o aluno a se posicionar de forma contundente a respeito de muitos assuntos, a conhecer e valorizar sua cultura, a aprender sobre a história da sua comunidade, a amar o seu lugar de origem, a valorizar seus hábitos, costumes e tradições.

Paulo Freire (1987), educador brasileiro, argumenta que a leitura crítica da literatura faz com que os estudantes desenvolvam um olhar questionador sobre a sua realidade, tornando-os capazes de compreenderem e serem agentes de transformação do lugar em que vivem. Através da leitura, os estudantes são expostos a diferentes contextos históricos e culturais. A literatura estimula habilidade de análise, interpretação e argumentação (Amparo, 2023).

Na educação infantil as crianças são naturalmente curiosas e receptivas a novas experiências e aprendizados. Nesse contexto, a literatura instiga o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico das crianças, proporcionando uma base que servirá para seu crescimento e formação (De Melo Rodrigues, 2022).

Segundo Nunes e Corsino (2019), através da literatura, as crianças são visitadas a um mundo rico de histórias, personagens e imagens que estimulam sua imaginação e criatividade. Os livros infantis são fontes inesgotáveis de aventuras, fábulas, contos de fadas e narrativas envolventes que transportam as crianças para realidades mágicas e imaginárias. Essas histórias instigam a curiosidade e o interesse pelas palavras, pelo conhecimento e pela cultura (Morais *et al*, 2020).

Na obra *As tartaruginhas marinhas*, Pereira (2013) além de aguçar o imaginário dos leitores, leva-os a refletir sobre sua singular trajetória de vida, suas companhias, bem como que história de vida querem construir.

A tartaruginha, é verdade, não pode escolher em ser médica ou professora ou modelo: ela vai ser tartaruga. Mas vai escolher seus caminhos, seus parceiros, suas viagens. E vai construir seus ninhos muitas vezes. E vai desfazê-los a cada vez. Vai sair do mar e voltar ao mar repetidas vezes. E, assim, vai ser sua vida: no mar absoluto vai desenhar uma trajetória singular, vai fazer uma história que será só dela (Pereira, 2013, p.5).

Para León (2019), além de estimular a imaginação, a literatura também contribui para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação das crianças. A exposição a diferentes estruturas linguísticas, intuitivas e estilos de escrita amplia o repertório verbal dos pequenos leitores, enriquecendo sua capacidade de se expressar, compreender e se comunicar com o mundo ao seu redor (Pereira e Gabriel, 2020).

Naschold (2019), destaca que a literatura também tem um papel importante na formação dos valores e na construção do senso ético das crianças. As histórias infantis trazem consigo lições de respeito, amizade, empatia, honestidade e outros valores fundamentais. Através da identificação com personagens e situações, as crianças aprendem sobre a importância de atitudes positivas e de cuidado com o próximo e com o meio ambiente (Da Cruz, 2019).

Outro aspecto relevante é que a literatura na educação infantil promove a interação social e o vínculo afetivo entre as crianças e seus mediadores de leitura, sejam eles os professores, pais ou responsáveis. A leitura compartilhada proporciona momentos de conexão, carinho e cumplicidade, fortalecendo laços emocionais e criando memórias afetivas que acompanharão as crianças ao longo de suas vidas (Ciríaco, 2021).

Além disso, o contato precoce com a literatura é fundamental para a construção de uma base sólida para a alfabetização e para o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita. Para Oliveira e Ferreira (2019), a familiarização com os livros desde a primeira infância torna o processo de aprendizado da leitura mais natural e prazeroso, facilitando o desenvolvimento

de habilidades essenciais para o sucesso escolar e a formação do indivíduo como um cidadão crítico e participativo na sociedade.

No ensino fundamental a literatura desempenha um papel crucial na formação dos alunos e dos adolescentes no Brasil. Além de transmitir conhecimentos, a literatura é uma ferramenta poderosa para estimular a imaginação, a empatia e o pensamento crítico. Desde os clássicos da literatura brasileira até as obras contemporâneas, a diversidade de estilos e temas presentes na literatura oferece uma ampla gama de experiências enriquecedoras para os jovens leitores (Fabri, 2022).

Uma das principais contribuições da literatura na formação dos alunos é o desenvolvimento da habilidade de leitura. Através da imersão em narrativas envolventes e investigações, os alunos aprimoram sua capacidade de compreensão textual, interpretação e análise. Esse domínio da leitura é fundamental para o aprendizado em todas as disciplinas e para o sucesso acadêmico (Florenciano e Barbosa, 2019).

Além disso, a literatura possibilita que os alunos explorem diferentes realidades e culturas, ampliando sua visão de mundo e fomentando a tolerância e o respeito à diversidade. O contato com personagens e contextos diversos contribui para a formação de indivíduos mais empáticos, capazes de se colocar no lugar do outro e compreender diferentes perspectivas (Da Silva, 2021).

A literatura também é uma poderosa aliada no estímulo à criatividade. Através das histórias e dos personagens, os jovens são convidados a imaginar, criar e dar asas à sua própria criatividade. Essa habilidade de pensar de forma inovadora e criativa é essencial para o desenvolvimento de futuros cidadãos capazes de enfrentar desafios e propor soluções criativas para os problemas da sociedade (Nascimento, 2019).

A literatura é uma importante fonte de reflexão sobre questões sociais, éticas e morais. Ao abordar temas complexos e controversos, a literatura convida os jovens a refletir sobre suas próprias convicções e valores, incentivando o pensamento crítico e a formação de uma consciência cidadã ativa (Marín, 2023).

Também é rica em representações de nossa história, cultura e identidade. Por meio das obras de autores nacionais, os alunos têm a

oportunidade de conhecer a diversidade cultural do país, suas raízes e desafios. Isso contribui para a construção de uma identidade nacional sólida e para o fortalecimento do senso de pertencimento à nossa sociedade multicultural (Peixoto e De Araújo, 2023).

Os textos literários são importantes aliados no combate ao analfabetismo funcional, uma realidade ainda presente no Brasil. Estimular o prazer pela leitura desde a infância e ao longo da adolescência é fundamental para a formação de leitores críticos, capazes de se comunicar de forma efetiva e participar ativamente da sociedade. Na escola, a sala de aula é o espaço crucial para o desenvolvimento do gosto por textos literários. O professor deve incentivar os alunos a lerem as obras literárias, para dessa forma aprimorarem sua habilidade de leitura, conhecerem novas palavras e interagirem com os demais colegas. A biblioteca também é um importante ambiente para os alunos terem acesso às mais diversas obras, estimulando a sua criatividade e fazendo uma interação rica e duradoura com cada história lida, principalmente os alunos finalistas da educação básica.

No ensino médio a literatura desempenha um papel fundamental na formação dos alunos. Nessa etapa da educação, a literatura desafia os estudantes a mergulharem em obras literárias mais complexas e profundas, abordando temas relevantes e instigantes. Além de aprimorar a habilidade de leitura e interpretação, a literatura oferece inúmeras vantagens que são essenciais para a formação cidadã e o crescimento pessoal (Piske e Nietzel, 2020).

Em primeiro lugar, a literatura no ensino médio amplia o horizonte de conhecimento dos alunos, apresentando obras de diferentes épocas, culturas e estilos literários. Através de clássicos da literatura brasileira e mundial, os estudantes têm a oportunidade de explorar diversos contextos históricos e sociais, enriquecendo sua compreensão da realidade e fomentando a lembrança pela diversidade cultural (Feitosa, 2020).

A literatura também desenvolve nos discentes a amizade e a habilidade de pensar no outro e se colocar a serviço da coletividade. Ao se identificarem com personagens e situações presentes nas obras literárias, os alunos têm a oportunidade de compreender, discordar e respeitar os diferentes pontos de

vista, fortalecendo sua capacidade de relacionar-se de forma empática e solidária com o mundo ao seu redor (Nonato, 2020).

Além disso, a literatura promove uma reflexão crítica sobre questões sociais, políticas e éticas, desempenhando papel fundamental na educação e no desenvolvimento do homem como verdadeiro cidadão, amante das suas raízes culturais e capaz de compreender de forma crítica o mundo que o cerca.

Muitas obras literárias trazem em suas entrelinhas críticas à sociedade, suas contradições e injustiças. Ao analisar essas obras sob um olhar crítico, os alunos são encorajados a questionar o *status quo*, a identificar problemas e refletir sobre possíveis soluções para os desafios enfrentados pela sociedade (Payão, 2021).

A literatura também estimula a imaginação e a criatividade dos alunos, convidando-os a explorar novos universos e possibilidades. As obras literárias muitas vezes abordam temas fantásticos, simbólicos ou distópicos que desafiam a mente e incitam o pensamento criativo. Essa habilidade é valiosa para a resolução de problemas e para a construção de uma sociedade inovadora e dinâmica (Fonseca e Costa, 2023).

A literatura é uma importante aliada no aprimoramento da expressão oral e escrita dos alunos. Através da leitura e da análise de obras literárias, os alunos são expostos a diferentes estilos de escrita, aprimorando suas habilidades de comunicação e tornando-os mais aptos a expressar suas ideias de forma clara e persuasiva (Correia, 2021).

A literatura no Ensino Médio contribui para a formação de leitores críticos e conscientes. Através da análise e interpretação de obras literárias, os alunos desenvolvem um olhar crítico sobre o mundo e aprendem a discernir informações e discursos, tornando-se cidadãos mais preparados para enfrentar os desafios da vida adulta (Mendes, 2020).

A literatura desempenha um papel fundamental na formação da identidade pessoal e coletiva. Segundo Mia Couto (2005), escritor moçambicano, a literatura nos auxilia na compreensão das nossas raízes, na construção da nossa identidade e na busca pelo nosso lugar no mundo.

Ao se identificarem com personagens e situações literárias, os estudantes são incentivados a refletir sobre suas próprias experiências e a desenvolver uma consciência crítica em relação ao mundo ao seu redor,

contribuindo sobremaneira para a transformação do ambiente no qual estão situados. Deste modo, as obras literárias de expressão amazônica trazem a riqueza da cultura da região, bem como chamam a atenção para os problemas que assolam o povo da região norte do Brasil. Dentre essas adversidades estão a seca dos rios e igarapés, as queimadas que dizimam as florestas, a pesca predatória que ameaça de extinção muitas espécies de peixes, a caça indiscriminada, a qual pode causar o extermínio de muitas espécies de mamíferos, como por exemplo, a onça pintada, o sauim de coleira, entre outros. Neste sentido, a ecocrítica pode contribuir para o ensino da literatura na educação básica, principalmente o ensino médio, uma vez que esta corrente de análise literária busca trazer para o seio do debate o impacto negativo que o mundo sofre, causado pelas mudanças climáticas, fazendo com que o homem compreenda as exigências e complexidades que ganham relevância neste novo milênio, contribuindo dessa forma para uma mudança de atitude em relação ao planeta terra.

### **1.1 A ecocrítica e sua importância para a formação do pensamento crítico dos alunos**

O mundo atual apresenta inúmeros desafios para as próximas gerações, uma vez que a crise climática faz cada vez mais vítimas em todo o mundo. Na Amazônia, por exemplo, a cada ano a população sofre as consequências por causa das queimadas, secas catastróficas, que deixam os ribeirinhos muitas vezes passando fome, o abastecimento das cidades por produtos agrícolas é fortemente comprometido, os produtos agrícolas ficam muito caros. Instigar a reflexão sobre a crise ambiental e o papel dos humanos na preservação do planeta terra é de fundamental importância, instigação essa que deve partir tanto da direção da escola, quanto dos professores e alunos, por intermédio do ensino dos gêneros literários em sala de aula, principalmente da ecocrítica, haja vista que essa corrente literária traz à baila as questões relacionadas ao meio ambiente.

É dever do docente, em suas aulas, buscar o posicionamento crítico dos discentes nos debates acerca dos temas relacionados ao homem e sua

sobrevivência neste planeta. A preocupação com o meio ambiente deve ser parte do transcurso no qual o homem e a sociedade desenvolvem conhecimentos, visando construir posturas direcionadas para a preservação do meio ambiente. Daí, a importância de se trabalhar textos literários de corrente ecocrítica, para a formação do senso crítico dos alunos, uma vez que esta vertente de análise literária traz à baila e estabelece vínculo essencial entre o universo literário, as representações da fauna e da flora, bem como as várias problemáticas atinentes a esses entes.

## **1.2 A ecocrítica no âmbito da teoria literária e sua relação com o tema transversal do meio ambiente em aulas de literatura**

A ecocrítica é uma abordagem dentro do âmbito da teoria literária que se concentra na análise de textos literários a partir de uma perspectiva ambiental e ecológica. Essa crítica corrente surgiu na década de 1970 como resposta às crescentes preocupações com as questões ambientais e a crise ecológica global (Brugioni e Melo, 2022; Mendes e Cardoso, 2020; De Figueiredo, 2018).

A palavra ecocrítica apareceu pela primeira vez em 1978, quando William Rueckert usou o termo no ensaio *Experimento e ecocrítica*. Mas, embora se possa apontar aí o nascimento oficial do termo, vale salientar que, tal como ocorre com a ideia de Antropoceno, uma prática de leitura voltada para as preocupações ambientais certamente já existia antes disso. Por outro lado, a oficialização de um nome faz com que as abordagens se tornem mais concretas.

O ecocriticismo é um termo genérico para uma série de abordagens críticas que exploram a representação na literatura (e outras formas culturais) da relação entre o humano e o não humano, principalmente da perspectiva de ansiedades em torno do impacto destrutivo da humanidade na atmosfera (Mendes, 2020). Outros termos para o campo incluem crítica ambiental e estudos culturais verdes (Nogueira, 2023).

Esta pesquisa mostra que a ecocrítica se preocupa em analisar o elo entre a literatura e o meio ambiente, trazendo à baila os impactos das ações do homem para o desequilíbrio do planeta. Através dos textos literários, a ecocrítica pode colaborar para o debate sobre as questões ambientais,

auxiliando as escolas, professores, alunos e a sociedade de forma geral, a levantarem questionamentos sobre os efeitos nefastos do aquecimento global, emissão de gases poluentes, derrubada das florestas, contaminação dos rios e mares por lixo e produtos químicos, além de fazer a humanidade refletir sobre seu papel como agente de transformação na busca por ações que contribuam para a preservação das árvores, peixes, animais, água e demais recursos que a natureza disponibiliza, para que as próximas gerações também usufruam destas riquezas.

O principal objetivo da ecocrítica é examinar como a literatura representa e reflete as relações entre os seres humanos e o ambiente natural, bem como ela aborda temas como mudanças climáticas, desequilíbrios ecológicos, exploração dos recursos naturais, extinção de espécies, entre outros assuntos relacionados à ecologia (Fiuza, 2017; De Carvalho, 2017). De acordo com Mendes:

A ecocrítica ou estudo da relação entre a literatura e o meio ambiente - áreas que embora distintas partilham um pouco de vista multidisciplinar e interdisciplinar na análise da crítica da situação climática, ambiental e ecológica contemporânea, dos seus efeitos, consequências e implicações sócio-político-econômicos, culturais e civilizacionais, assim como na discussão e proposta de soluções para corrigir ou melhorar a sua trajetória (Mendes, 2023, p.08).

Segundo Dutra (2023), os ecocríticos analisam os textos literários em busca de temas, símbolos e metáforas relacionados à natureza e ao meio ambiente. Eles também investigam a forma como os autores representam a relação entre o ser humano e a natureza, se é vista como harmoniosa, conflituosa, alienada ou destrutiva.

Para Da França *et al* (2023), essa abordagem visa a conscientização sobre questões ambientais e a influência da literatura na construção das raízes e atitudes em relação ao meio ambiente. Além disso, a ecocrítica também explora como a literatura pode inspirar ações ecológicas e estimular uma maior conexão e cuidado com a natureza.

A ecocrítica não se limita apenas à análise de obras contemporâneas, mas também inclui textos clássicos que abordam temas ecológicos, mostrando

que a preocupação com a natureza é uma constante na literatura ao longo da história.

Conforme a Tabela 1, vários autores internacionais têm explorado a ecocrítica em suas obras, abordando temas ecológicos e ambientais em suas narrativas:

Tabela 1 - principais atores sobre a ecocrítica

Rachel Carson	Silent Spring (Primavera Silenciosa)	Essa obra alerta sobre os efeitos prejudiciais ao meio ambiente e na saúde humana, influenciando a conscientização e a necessidade de proteção ambiental.	Bonzi (2013); Maia (2021);
Ursula K. Le Guin	The Left Hand of Darkness (A Mão Esquerda da Escuridão)	Essa obra inclui elementos ecológicos em suas histórias e explora questões de gênero e ecologia em um contexto de ficção.	Arbo (2021); Silva (2021);
Margaret Atwood	The Handmaid's Tale (O Conto da Aia)	Essa obra retrata uma distopia em que os avanços tecnológicos e a negligência ambiental levaram a um desastre ecológico global.	Andrade (2019); Zanezi (2018);
Hermann Hesse	Steppenwolf (O Lobo da Estepe)	Essa obra aborda a alienação humana em relação à natureza e a busca pela harmonia com o ambiente.	Frankel (2022); Campos (1972).
José Saramago	Ensayo sobre la ceguera (Ensaio sobre a cegueira)	Essa obra explora a fragilidade da sociedade e a importância da preservação do ambiente para a sobrevivência humana.	Villanueva (2022); Koleff (2010).
Gabriel García Márquez	Cien años de soledad (Cem Anos de Solidão)	Essa obra traz uma relação onde a natureza é um tema presente, refletindo sobre o impacto da colonização e da exploração ambiental.	Lira (2022) Vieira (2012).

Fonte: O autor (2023).

A ecocrítica é preferida por alguns por suas conotações ecológicas, enfatiza-se o que Lawrence Buell (2005) chama de redes humanas e não humanas de inter-relação. Para outros implica uma excessiva identificação estreita com uma faixa específica de estudos que advoga um compromisso com o ativismo político (Bergthaller, 2013).

As pesquisas realizadas nesta dissertação fazem-nos entender que a ecocrítica tem como ponto principal textos literários que trazem no seu cerne a representação da natureza, valorizando os autores que, nas suas obras, colocam as questões ecológicas em evidência, mostrando o homem como ser totalmente dependente da natureza e de todas as riquezas que ela contém,

levando-o à sensibilização sobre a necessidade de preservação do meio ambiente.

O desenvolvimento econômico e sua relação com as principais vertentes do pensamento ecológico - ecologia profunda e social - com uma cadeia cada vez mais internacional e o surgimento de formulações contemporâneas significativas estão introduzindo novos paradigmas que precisam ser levados para a educação escolar.

### **1.3 Raízes da ecocrítica**

Tem-se a percepção compartilhada na ecocrítica de que estamos vivendo em um período de crise ambiental, que exige que reavaliemos com certa urgência nossos modos de estar no mundo. Além disso, existe um consenso geral de que esses modos de ser foram, em grande parte, determinados culturalmente, pois a cada dia a população mundial está ávida pelo consumismo. O mundo evoluiu tecnologicamente na mesma velocidade com que vem destruindo o meio ambiente. Nos últimos anos o mundo tem convivido com uma crise ambiental sem precedentes, com poluição do ar nas grandes cidades, alagamento em vários países, elevação da temperatura do planeta, derretimento das geleiras nos polos da terra.

No Brasil, mais particularmente na Amazônia, os garimpeiros despejam nos rios e igarapés mercúrio, que contamina a água, impossibilitando o consumo e matando os peixes. A floresta amazônica sofre a cada dia com a ação dos madeireiros e dos que a derrubam para fazer pasto para o gado, o que causa a extinção de muitas espécies de animais e de plantas. Os autores ecocríticos contribuem de forma ampla com o debate sobre a necessidade de se cuidar bem do planeta terra, pois trazem para a mesa de discussões esse tema que é de relevante preocupação.

A década de 1960 é amplamente vista como a década que marcou o início do tipo de consciência ambiental que fornece o pano de fundo ao ecocriticismo, com a publicação do livro *Silent Spring* por Rachel Carson's, em 1962, saudado como o início do ambientalismo moderno (Garrard, 2006).

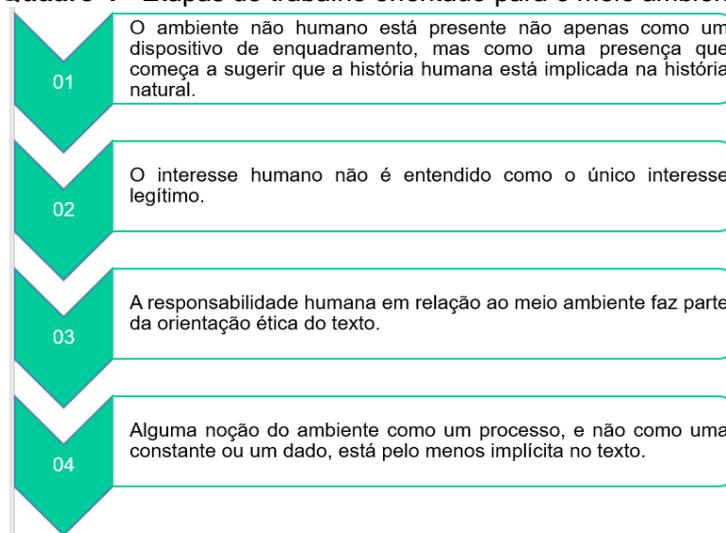
Conforme Narcizo (2009), embora outros trabalhos tenham surgido nas décadas de 1960 e 1970, vistos como incorporando formas primárias de prática ecocrítica, o movimento demorou a se estabelecer. Por exemplo, somente em 1992 que a primeira organização profissional de ecocrítica, a Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente (ASLE), foi formada nos EUA, seguida em 1993 pela fundação de seu jornal, Estudos Interdisciplinares em Literatura e Meio Ambiente (ISLE). Outra organização foi criada no Reino Unido em 1998 (agora abrangendo o Reino Unido e a Irlanda), com sua própria publicação, o jornal Green Letters, publicado pela primeira vez em 2000.

O papel do ecocriticismo inicial foi em grande parte criar o espaço teórico para discutir as questões ambientais, além de sensibilizar a sociedade para que a relação homem e natureza seja a mais harmoniosa possível.

#### 1.4 Primeira onda da ecocrítica

A primeira onda de ecocriticismo, especialmente nos Estados Unidos, concentrou-se na representação na literatura do mundo além do texto, dedicando grande parte de sua energia à busca de formas de expressão literária que pudessem transmitir melhor uma mensagem ambiental. Buell (1995) formulou uma lista de verificação de quatro etapas de um trabalho orientado para o meio ambiente, conforme mostrado na figura a seguir:

**Quadro 1 - Etapas do trabalho orientado para o meio ambiente**



Fonte: Elaborado com base em Buell (1995)

O questionamento de Buell sobre a "orientação ética" do texto em particular aponta um importante, embora contestado, elemento do ecocritismo, que Buell chama de "aspiração do compromisso com a práxis ambientalista" (Buell, 2005, p. 430).

Como um campo de estudo que se concentra em questões que vão desde aspectos culturais até políticos, alguns ecocríticos adotam práticas realistas com impacto global. Busca-se educar sobre as interações mais amplas com o mundo e criar uma coleção de textos que sirvam como modelos de um "estilo de vida e de estar no mundo mais amigável ao meio ambiente" (Rigby, 2002, p. 159).

A primeira onda de ecocritismo estava predominantemente associada ao apoio à não-ficção. Escritores como Henry David Thoreau, foi precursor nos Estados Unidos:

Acredito que o homem da ciência comete esse erro, e a massa da humanidade com ele: que você deveria calmamente dedicar sua atenção principal ao fenômeno que o excita como algo independente de você. O fato importante é o seu efeito sobre mim (Thoreau, 1999, p. 80, trad. Gean L. Alves).<sup>1</sup>

David Thoreau expressa uma crítica à abordagem frequentemente adotada pelo homem de ciência e pela maioria das pessoas. Ele argumenta que o erro reside em focalizar, de maneira fria e desapaixonada, a atenção principal em um fenômeno como algo separado e independente de si mesmo. Em vez disso, Thoreau destaca a importância de reconhecer o impacto pessoal e subjetivo que o fenômeno tem no observador e na sociedade.

John Muir, naturalista e defensor do meio ambiente no final do século XIX, contribuiu nesta primeira onda do ecocritismo. Sua ecocrítica ambiental era profundamente enraizada na apreciação do natural e nas ações dos homens na sociedade. Defendendo a preservação de áreas selvagens como um meio de conexão e rejuvenescimento humano, Muir desempenhou um papel crucial na criação de parques nacionais, deixando um legado duradouro em sua luta pela conservação da natureza nos Estados Unidos.

---

<sup>1</sup> No original: "I think that the man of science makes this mistake, and the mass of mankind along with him: that you should coolly give your chief attention to the phenomenon which excites you as something independent on you. The important fact is its effect on me."

Edward Abbey (1971) foi um escritor e ensaísta americano conhecido por sua obra literária que abordava questões ambientais e a relação entre o homem e a natureza. É mais reconhecido pelo seu romance "Deserto Solitário" ("Desert Solitaire"), que descreve suas experiências como guarda florestal no Parque Nacional de Arches, em Utah. No sobredito romance, o autor expressa preocupação com o destino de áreas naturais específicas que ama, indicando que o que aconteceu, está acontecendo ou acontecerá em breve nessas regiões pode se tornar uma realidade para muitos parques e florestas nacionais. O autor sugere que, apesar das proteções legais existentes, como a Lei de Preservação da Natureza, a eficácia dessas medidas pode ser ilusória, a menos que um grande número de cidadãos se envolva ativamente na defesa dessas áreas (Tristão, 2020).

Wendell Berry é um escritor nascido em 1934, conhecido por sua significativa contribuição para a ecocrítica e a literatura ambiental. A ecocrítica reside em sua capacidade de articular preocupações ambientais profundas e propor alternativas sustentáveis para a interação humana com a natureza, defendendo práticas agrícolas e estilos de vida que aliem o progresso industrial e a preservação do solo, destacando a importância de uma conexão íntima com a terra e promove a ideia de uma ética de cuidado e responsabilidade ambiental.

O ecocriticismo britânico de primeira onda também se preocupou com a recuperação de formas de escrita que, em primeiro plano, poderiam promover a sensibilidade ambiental, embora aqui a ênfase estivesse na poesia. Foi liderada por Jonathan Bate, que na obra *A Canção da Terra*, empreendeu a reabilitação dos Poetas Românticos, especialmente William Wordsworth, como poetas da natureza: "O poeta é considerado uma criatura aparentemente inútil. No entanto, do ponto de vista ambiental, é o salvador dos ecossistemas" (Bate, 2001, p. 231).

Para Bate, a poesia romântica nos permite "pensar em fragilidade", para apreender nossa imersão ecológica e vulnerabilidade compartilhada com o mundo não humano. Porém, Bate diverge de Buell quando se trata de práxis ambiental. Caracteriza a ecopoesia como uma forma fenomenológica e pré-política, que nos leva à comunhão com a terra por sua ênfase no "presenciar" em vez de representação, incorporando essa presença em parte através de

seus ritmos e sons.

Ele indica que enquanto os críticos feministas ou marxistas acreditam que estão contribuindo para a mudança social, os críticos verdes não devem abordar a poesia com um "conjunto de suposições ou propostas sobre questões ambientais específicas, mas sim como uma forma de contemplar o que poderiam aspirar a habitar com a terra" (Bate, 2000, p. 266).

### **1.5 Segunda onda da ecocrítica**

O ecocriticismo de primeira onda, amplamente falado, inclinou-se mais para a ecologia profunda em sua ênfase na conexão pessoal ou na reconexão com a natureza, enquanto a segunda onda devia mais à ecologia social. A segunda onda do ecocriticismo deu início a uma abordagem mais reflexiva que forneceu o escopo para abordar o complexo entrelaçamento da natureza e políticas sociais, e que, além de criticar e reformular as formas que já estavam sob seu escrutínio, refletem mais a compreensão complexa desses entrelaçamentos. Acredita-se assim que essas ações são as maneiras pelas quais a consciência junto com a textualidade pode articular a história social e ambiental.

Através disso uma área social/cultural que já foi estabelecida e bem posicionada passou a fazer parte da ecocrítica ambiental, reavendo o social como uma nova compreensão da maneira pela qual a "natureza" foi construída e implantada para fortalecer ideologias dominantes gênero, classe e raça. Salleh (2017), estudando a obra de *Simians, Cyborgs and Women*, de Haraway, exemplifica essa ideologia dominante de apreensão do ambiente e do corpo como o local de danos compartilhados e desperdícios tóxicos em áreas minoritárias desprivilegiadas, onde as mulheres sentem os resultados do resíduo tóxico nos seus próprios corpos, em suas próprias casas e em suas comunidades e escolas.

Discordando disso a ecofeminista Sylvia Mayer (2006) reafirma as perspectivas sociais ecológicas: "Juntamente com os estudiosos da justiça

ambiental, os ecofeministas afirmam que não é a humanidade, como tal, responsável por danos ambientais (Mayer, 2006, p.118, trad. Gean L. Alves)<sup>2</sup>.

Para Mayer (2006), a responsabilidade recai predominantemente sobre aqueles seres humanos e meios sociais cuja posição nas relações socioeconômicas de poder lhes permitiu tomar decisões políticas e lucrar com seus resultados - em muitas sociedades em grande parte, mas não apenas, uma elite masculina.

A categoria da natureza é um campo de exclusão e controles múltiplos, não apenas de não-humanos, mas de vários grupos de seres humanos, e aspectos da vida humana que são lançados como natureza. Assim, o racismo, o colonialismo e o sexismo extraíram sua força conceitual de lançar diferenças sexuais, raciais e étnicas mais próximas do animal e do corpo interpretadas como uma esfera de inferioridade, como uma forma menor de humanidade, sem toda a racionalidade ou cultura. De fato, uma das principais contribuições do pensamento feminista e ecofeminista ao ecocritismo contemporâneo é a perturbação de binários como:

- cultura / natureza,
- homem / mulher,
- mente / corpo,
- civilizado / primitivo,
- eu / outro,
- razão / matéria,
- humano / natureza.

Deve-se buscar formas de escrita que possam transmitir adequadamente uma mensagem ambiental, não desta vez para destacar a presença real e material da natureza como tal, mas para tornar visível o invisível.

Conforme os estudos de Fiuza (2017), a ecocrítica teve seu início no Brasil de forma gradual, acompanhando o crescimento das preocupações ambientais no país e no mundo. Algumas influências e marcos importantes ao longo do tempo foram decisivos.

---

<sup>2</sup> No original: "Together with environmental justice scholars, ecofeminists claim that it is not humankind as such that is responsible for environmental damage."

Por exemplo, a ecocrítica no Brasil está diretamente relacionada ao desenvolvimento dos movimentos ambientalistas nas décadas de 1970 e 1980. Nesse período, houve um aumento das discussões sobre as questões ambientais no país, impulsionadas por acontecimentos como o desastre ambiental em Cubatão (SP) em 1984 (Alonso, 2007; Klanovicz, 2018).

Outra influência é o interesse crescente pelas questões ambientais e ecológicas. Autores contemporâneos, como Guimarães Rosa e outros escritos que passaram a incorporar temas ambientais em suas obras, ajudaram a ampliar o debate sobre a relação entre literatura e ecologia (Amaro, 2020). “A literatura deve permanecer fiel a uma de suas mais importantes premissas: desencadear processos de desautomatização da percepção e confrontar o olhar com outras formas de enxergar o mundo” (Mathias, 2023, p.02).

A ecocrítica ganhou espaço à medida que estudiosos e críticos literários analisaram a representação da natureza e do meio ambiente na literatura brasileira. Esses estudos abordam as obras de escritores clássicos e contemporâneos, examinando como a natureza é retratada e como as questões ecológicas estão presentes na literatura (Alonso, 2002).

As preocupações ambientais se tornaram cada vez mais prementes no Brasil, à medida que questões como desmatamento, degradação ambiental, mudanças climáticas e preservação da biodiversidade ganham destaque na sociedade. Esse contexto também impulsionou a ecocrítica, levando a uma reflexão mais aprofundada sobre a responsabilidade da literatura em abordar essas temáticas.

## **1.6 Representação da natureza na literatura**

A natureza exerce um papel importante na literatura, servindo como cenário, metáfora e fonte de inspiração para escritores ao longo dos séculos. A forma como a natureza é retratada nas obras literárias é de especial interesse para a ecocrítica, uma abordagem que visa analisar a relação entre o ser humano e o ambiente natural na produção literária (Martins e Mendes, 2013).

Segundo Coelho *et al* (2006), a natureza tem sido um elemento onipresente em contos, mitos, épicos e poesia. Através das descrições dos

ambientes naturais, a literatura consegue evocar atmosferas, sentimentos e emoções, estabelecendo uma relação íntima entre os personagens e o mundo natural ao seu redor. Essa representação da natureza pode variar amplamente, desde paisagens idílicas que inspiram paz e serenidade, até cenários selvagens e ameaçadores que simbolizam o desconhecido e o caos (Asano *et al*, 2017; Pereira e Curi, 2012).

Na ecocrítica, uma das questões centrais é como a literatura representa a interação entre o ser humano e a natureza, refletindo sobre a visão de mundo e as atitudes em relação ao meio ambiente. Alguns escritores apresentam a natureza como um cenário passivo, um mero pano de fundo para as histórias humanas, enquanto outros a personificam e atribuem-lhe uma agência própria. Neste último caso, a natureza pode ser dotada de vida e características humanas, tornando-se uma personagem ativa na trama (Dos Ramos, 2019).

O mangue abriga e alimenta uma fauna especial, formada principalmente por crustáceos, ostras, mariscos e caranguejos, numa impressionante abundância de seres que pululam entre suas raízes nodosas e suas folhas gordas, triturando materiais orgânicos, perfurando o lodaçal e umidificando o solo local. Muitos desses pequenos animais contribuem também com suas carapaças e seus esqueletos calcários, para a estruturação e consolidação do solo em formação (Josué de Castro, 1948, p. 23).

Outro aspecto relevante da representação da natureza na literatura é a sua simbologia. Para Rolon *et al* (2020), a ecocrítica analisa como elementos da natureza, como árvores, flores, rios e animais, são utilizados como símbolos para transmitir significados mais profundos e universais. Por exemplo, a árvore pode simbolizar a vida, a conexão com as raízes e a harmonia com o meio ambiente. Da mesma forma, a água pode ser associada à purificação, ao fluxo da vida e à renovação (Nogueira, 2016).

### **1.7 A literatura de expressão amazônica: expressão cultural e ambiental de uma região única**

A literatura regional é um campo de estudo que se dedica à produção literária que retrata e representa as particularidades e características de uma

determinada região geográfica (Arendt, 2015; Olanda e Almeida 2008; Mauricio, 2004). Tem como objetivo principal a valorização e preservação das identidades locais, por meio da escrita de autores que vivem ou vivenciaram experiências nas regiões retratadas em suas obras (Rente, 2018).

Para Marandola Jr (2009), a literatura regional se destaca por sua relação estreita com o espaço geográfico, pois busca retratar a vida e a cultura de uma região específica. Têm como propósito principal a representação das tradições, costumes, linguagens, paisagens e problemas sociais de um lugar específico (De Moraes e Da Silva Telles 2016; Infante, 2012; Da Silva e Fonseca, 2018). Suas obras são enraizadas na realidade e no contexto histórico, social e cultural das comunidades locais, oferecendo um retrato autêntico e genuíno dessas regiões (Hermenegildo, 2008).

Enquanto a filosofia transcendental procura estabelecer limites e fronteiras, circunscrevendo uma esfera de sentido exclusivamente humana — a cidade cosmopolita —, o pensamento xamânico realiza uma ‘comunicação entre incomunicáveis’, abrindo uma ‘zona transespecífica’ de contágio entre humanos e extra humanos — a ‘terra-floresta’ (urihi a). (Valentim, 2018, p.162).

Uma das principais características da literatura regional é a valorização das identidades locais. Conforme Simões (2006), busca resgatar as raízes e as memórias de um determinado local, contribuindo para a construção e preservação da identidade cultural da região retratada. Através das narrativas literárias, os autores regionais ressaltam a singularidade de suas comunidades, revelando suas particularidades e singularidades, muitas vezes negligenciadas ou ignoradas pela literatura mais amplamente difundida (De Lima Grecco, 2014).

Conforme Antônio Candido (1999), a literatura regional desempenha um papel importante no fortalecimento do sentimento de pertencimento dos indivíduos às suas regiões. Para Belmiro (2012), ao se reconhecerem nas histórias e personagens retratados, os leitores locais encontram uma conexão afetiva e emocional com as narrativas literárias, o que contribui para a consolidação de uma identidade regional coletiva. A literatura regional é capaz

de despertar o orgulho e a valorização das tradições, do patrimônio cultural e da diversidade presente na região retratada (Barbato, 2014).

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore. Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho. No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola. No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato. Aprendeu com a natureza o perfume de Deus. Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul. E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só serve pra poesia. No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas. Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros. E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas. (Manoel de Barros, 2000, p.24).

Outro aspecto relevante da literatura regional é a representação das questões sociais e históricas que permeiam uma determinada região. De acordo com Feijó-de-Almeida (2023), os autores regionais abordam temas como o cotidiano das comunidades, os desafios enfrentados pelas populações locais, as transformações sociais, os conflitos e as lutas políticas, entre outros assuntos que são específicos daquela região. Dessa forma, a literatura regional contribui para o entendimento e a reflexão sobre as realidades locais, promovendo discussões e debates que são relevantes para as comunidades envolvidas (Santini, 2011).

As passarelas se esgotaram – e encostamos nossas camas em um cedro murcho na raiz. Toquei seu tronco musgoso. A casca caiu há muito tempo e provavelmente já apodreceu. E seu corpo-cinza e robusto-ainda brilhava ao sol. Cedro orgulhosamente se elevou sobre todo o bairro. (Aipin, 2014, p. 57, trad. Gean L. Alves).<sup>3</sup>

No entanto, é importante ressaltar que a literatura regional não se restringe apenas à representação de uma região isolada. Ela pode dialogar com outras obras literárias, transcender fronteiras geográficas e estabelecer conexões com questões universais. A literatura regional pode oferecer *insights* e perspectivas únicas sobre temas mais amplos, permitindo um diálogo

---

<sup>3</sup> No original: The catwalks ran out – and we leaned our beds against a cedar withered on the root. I touched its mossy trunk. The bark has long fallen off and probably already rotted. And his body-gray and sturdy-still glistened in the sun. Cedar proudly towered over the whole neighborhood.

intercultural e enriquecendo o panorama literário como um todo (De Sousa e Da Silva Gonçalves, 2023).

A literatura amazônica desempenha um papel essencial na preservação e valorização da rica diversidade cultural presente na Amazônia. Para Rabelo (2023), a literatura amazônica envolve os mitos, lendas, tradições orais, festividades e rituais das comunidades locais.

Rica de plasticidade e inocente magia, a natureza amazônica se revela como pertencente a uma idade mítica, plena de liberdade e energia telúrica. Situa-se em tempo cósmico no qual tudo brota como nas fontes primevas da criação: a mata, os rios, as aves, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É nesse contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias (Loureiro, 2019, p. 8).

Através da escrita literária, são retratadas as vozes e experiências dos povos indígenas, ribeirinhos, caboclos e demais grupos étnicos que habitam a região (Krüger, 2011). Dessa forma, a literatura amazônica contribui para a construção e fortalecimento da identidade cultural amazônica, valorizando as suas raízes e promovendo o respeito às diferentes manifestações culturais presentes na região (Loureiro, 1995).

A temática ambiental é um dos principais elementos da literatura amazônica. A região amazônica é conhecida pela sua riqueza e biodiversidade, sendo um ecossistema único no planeta. Os escritores amazônicos exploram em suas obras a relação intrínseca entre o homem e a natureza, evidenciando a importância da preservação ambiental e a necessidade de um desenvolvimento sustentável na região. Miranda (2015) descreve que a literatura amazônica denuncia os desafios enfrentados pela Amazônia, como o desmatamento, a exploração predatória dos recursos naturais e os conflitos socioambientais, buscando conscientizar e sensibilizar os leitores para a preservação desse patrimônio natural de relevância global.

No início só havia a natureza mítica e depois aparece o homem. Homem e natureza confrontaram-se, lutam, impõe um ao outro, iguais, desiguais, desconformes. Em seguida, o homem aparece como senhor da natureza, mas essa natureza não é mais a mesma do primeiro instante. Ela já se acha modificada ao ser apropriada pelo homem, a natureza

modifica-se, transforma-se. Também o homem já não é mais o mesmo. Ele realmente se apropria da natureza, submete-a, destrói algumas de suas forças e domina outras. a (Ianni, 1978, p.43).

Além disso, a literatura amazônica apresenta uma rica diversidade de narrativas e estilos literários. Segundo os estudos de Conrado (2022), a região amazônica é habitada por uma multiplicidade de grupos étnicos e linguísticos, cada um com suas próprias tradições narrativas. A literatura amazônica engloba desde contos, romances e poesias, até formas de expressão oral, como cantigas e histórias. Essa variedade literária enriquece o panorama literário regional e contribui para a construção de uma identidade literária amazônica única e autêntica.

É importante ressaltar que a literatura amazônica também tem uma dimensão política. Para Da Silva (2021), ela aborda questões de colonização, exploração econômica, desigualdades sociais e direitos humanos na região amazônica. A literatura amazônica é uma forma de resistência e contestação, dando voz aos grupos marginalizados e denunciando injustiças. Através de suas obras, os escritores amazônicos promovem a reflexão crítica sobre os problemas sociais e políticos presentes na Amazônia, contribuindo para um debate mais amplo e a busca por soluções justas e sustentáveis.

### **1.8A degradação ambiental e humana como tema nas aulas de literatura**

Degradação humana é a precarização ou deterioração das condições de vida do homem, que pode ocorrer por fatores sociais, ambientais, físicos ou psicológicos, afetando dessa forma, a sua qualidade de vida.

Degradação ambiental é a forma pela qual ocorre a deterioração do meio ambiente, que pode acontecer por ações humanas ou fenômenos naturais, sendo um fator complexo que afeta a estabilidade de ecossistemas e a qualidade de vida da população.

Para abordar esse tema tão importante, faz-se necessário explicar sobre a importância da educação na vida de todos. Em linhas gerais, a educação é fundamental para a formação do verdadeiro cidadão e transformação da sociedade para melhor, sendo a responsável pela construção

e propagação do conhecimento e desenvolvimento de habilidades necessárias para a conduta do indivíduo na sua comunidade. A educação abre portas, ultrapassa fronteiras e vai muito além do ambiente escolar, preparando o indivíduo para um futuro promissor, desenvolvendo o senso crítico e a moral, mudando a vida do homem, ampliando seus horizontes. A Lei nº 9.795/99 da República Federativa do Brasil afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 2023, p. 173)

É através da educação que o indivíduo desperta a sua vida para novas oportunidades, direciona sua carreira profissional, otimiza o tempo, desenvolve valores éticos, exercendo na mais ampla forma a sua cidadania, conhecendo seus direitos e seus deveres, participando ativamente das ações e decisões da sua comunidade, e tal participação proporciona o convívio pacífico, democrático, sustentável e harmônico da humanidade entre si e com o ambiente (Vieira 2011).

A degradação ambiental é um dos temas de maior preocupação nos dias atuais. A Educação Ambiental é de suma importância como prática a ser arraigada na nossa sociedade, de valorização da vida, onde se busca fazer o resgate e preservação dos princípios humanistas, éticos, democráticos e culturais. A educação ambiental tem como baluarte o respeito pela diversidade natural e cultural na sua mais ampla forma.

Despertar no aluno a preocupação com a degradação ambiental tem como um dos principais objetivos transformar as relações entre os seres humanos e a natureza, para que as futuras gerações possam ter mais qualidade de vida, exigindo uma mudança de postura tanto do sistema produtivo quanto da forma, visando a construção de uma sociedade alicerçada nos valores como o respeito, a cooperação e a solidariedade.

O investimento em redes de conhecimento e suas correspondentes formas de expressão é um processo que vem tendo a demanda por planejamentos, novas tecnologias e mudanças de pesquisas e currículos universitários crescendo de forma contínua. Esses fatos têm impulsionado o

desenvolvimento e a adoção de metodologias complexas de caráter interdisciplinar e mesmo transdisciplinar.

Essas abordagens são aplicadas tanto em âmbitos mais restritos, tais como conferências de especialistas ou de universidades e empresas, quanto em esferas mais abrangentes, como governos ou organizações nacionais e supranacionais, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização da Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Essas organizações têm investido em pesquisas, debates, equacionamentos e até cobranças relativas ao controle do aquecimento global, à distribuição mais equilibrada da renda em países em desenvolvimento ou à preservação de recursos naturais.

Este é, pois, um tema central para questões relacionadas à preservação, subsistência e sustentabilidade dos espaços habitáveis. No limite, frente ao risco de sobrevivência da humanidade, os pesquisadores se mostram sensíveis ao tema e, mesmo que não se mobilizem diretamente, contribuem, de alguma forma, quando tratam de maneira crítica ou teórica do assunto, originando um efeito multiplicador de perguntas, respostas e buscas de solução.

A degradação ambiental, as condições precárias de saúde e as condições de vida futura em nosso planeta são apenas alguns dos graves problemas que desafiam as pesquisas e as artes contemporâneas. Redes complexas de informação, foros de discussão em níveis locais, nacionais e internacionais, sofisticados processos de comunicação com índices de recorrência antes incomuns investem em recursos interdisciplinares e transdisciplinares na busca de solução para os desafios que afloram junto com o nascente milênio.

São investimentos que atualmente se disseminam em praticamente todos os âmbitos difusores de conhecimento, pesquisa e arte no planeta. É possível identificar, nesse cenário, maneiras contemporâneas de interatividade, objetivando diversas formas de investigação, investimento, desenvolvimento de novos paradigmas e de melhores condições de sua aplicação.

Com apenas isso já se teria uma razão suficiente para associar meio ambiente, em seu sentido mais abrangente, à literatura e às outras artes, bem como à cultura e às ciências. Tal associação pressupõe o desafio do

desenvolvimento de uma ampla e responsável consciência ambiental, reconhecendo e preservando inter-relações criativas do homem com o espaço vital, ou seja, a interação de meio ambiente, cultura e literatura, com abertura a outras manifestações de arte e às diversificadas formas de conhecimento que equacionam o tema.

Não se pode negar a contribuição desse agenciamento coletivo e transdisciplinar para o melhor entendimento da diversidade do mundo contemporâneo e para a geração de meios capazes de sancionar reflexões, redimensionamento e aperfeiçoamento do meio ambiente, visando, desse modo, a formas ágeis, remanejáveis e adequadas de adaptação da vida a um universo de rápidas e inesperadas transformações.

Na busca para salvar o meio ambiente, que está cada vez mais precisando de um olhar mais atencioso por parte de todos, o uso de tecnologia de última geração e diversas formas de monitoramento são empregadas, inclusive as viagens ao espaço. A necessidade de ir ao espaço se justifica para compreender e buscar soluções para os problemas da terra. É graças à tecnologia espacial do “sensoriamento remoto” que existe atualmente um grande leque de possibilidades de atuação nas áreas de florestas, agricultura, geologia, oceanografia, clima, planejamento urbano, enfim, para a realização de planejamento socioeconômico, monitoramento do meio ambiente e levantamento dos recursos naturais renováveis e não renováveis do planeta. Tudo isso se constitui em um campo vasto para a atuação dos poetas e ficcionistas estarem utilizando nas suas obras literárias.

Pesquisas que têm relação com as melhores condições de vida, relacionamento e sobrevivência do homem na Terra e, mais recentemente, de sustentabilidade, sempre estiveram, de alguma forma, em correspondência com a literatura. Isso se explica, principalmente, devido ao olhar múltiplo de que a literatura é dotada, e capaz, sob seu ponto de vista diferencial, de prover a complexidade de focos necessária para se ler a diversidade e a mutabilidade do mundo.

Nesse sentido, a literatura se valeu da potência oracular de antecipar imaginários e transformações negativas, como degradações, desastres, guerras, dominações, hecatombes, mudanças climáticas relevantes, que poderiam, caso ela fosse ouvida (ou lida), ser evitadas. Obras como *O deus*

*das avencas (2021)*, de Daniel Galera, *Ecologia (2022)*, da Joana Bértholo, *A cura da Terra (2015)*, de Eliane Potiguara, *Cidades afundam em dias normais (2020)*, de Aline Valek, entre outras, evidenciam os prognósticos de catástrofes ambientais. Importa obviamente ressaltar a propriedade positiva que a literatura possui de prever riquezas, novas formas de alimentos, sustentabilidade, saúde, a serem potencializadas em benefício do homem, do meio ambiente, da vida.

Muitos fenômenos responsáveis por regular ou desregular o meio ambiente são muitas vezes imperceptíveis. Isso porque não nos é dado ver ou assimilar certas ocorrências que – dentre outros motivos –, ao fugir de sua ordem habitual, causam-nos mal-estar ou mesmo inquietação. Devido a esses limites, as grandes aporias, como o tempo, a morte, as hecatombes, acabam por se tornar invisíveis e intraduzíveis à maior parte das pessoas e, em grande parte, responsáveis pelo entrave nas criações e reflexões de ordem científica, filosófica ou mesmo política. Ao longo da história da humanidade, a literatura tem-se muitas vezes mostrado, mais do que outras formas de conhecimento, capaz de representar o irrepresentável ou o indizível. Ou seja: dota-se da potência de traduzir aquilo que outras linguagens não são capazes de expressar. Assim sendo, graças às virtualidades imagéticas da criação literária, se tornaria possível dar materialidade e visibilidade àqueles elementos que, doutra forma, seriam intraduzíveis e imperceptíveis a olho nu.

Esses são componentes sutis, formadores da ligação entre realidade e imaginação, natureza e cultura. Roland Barthes (1978), crítico literário e pensador francês, afirmava, em aula inaugural na Universidade de Sorbonne, que a Literatura é o “fulgor do real”. De fato, a realidade não é registrável em todas suas variantes, nem em sua totalidade, ou, simultaneamente, em todos os tempos e lugares.

O que chamamos de realidade se dá a ver somente através da literatura (acrescentaríamos outras artes, como o cinema, as pinturas, ou narrativas históricas). Vale dizer que, ao representar uma imagem do mundo sensível, a literatura confere a este a materialidade que ele, por si só, não possui ou possui parcialmente. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência [...] A ciência é grosseira, e a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. (Barthes, 1978, pp. 18-19).

Barthes confia na capacidade da literatura em dar um contorno à realidade, corrigi-la ou transformá-la. O autor defende que, dentro de um mesmo idioma, afloram várias línguas, cada uma das quais sendo capaz de traduzir diferentes desejos. Ao declarar a potência da literatura, o autor declara a necessidade de a língua literária divergir da língua meramente informativa, a língua “de toda a gente”, sob o pressuposto literário de que só é possível transformar o mundo transformando a língua.

Curiosamente, Guimarães Rosa, em entrevista concedida a Gunter Lorenz, no contexto do 1º Congresso de Escritores Latino-Americanos, de janeiro de 1965, em Gênova, defende, não diferentemente de Barthes, a potência criadora da literatura. Enquanto escritor, Rosa postula a necessidade de diferença cultural da América Latina, além de pleitear para a literatura produzida no continente um lugar ao sol na tradição canônica. É ainda deste *locus* de enunciação que ele pronuncia sua crença na função utópica da arte e, portanto, no papel transformador da literatura e do escritor: minha língua brasileira é a língua do homem de amanhã, depois da purificação (Lorenz, 1973).

De fato, quando a história do homem ou a descrição geopolítica do mundo trazem, sob sua forma de enunciação, um novo arranjo das interpretações fixas, acena-se para a possibilidade de mudar sua agenda, mudar suas ações e buscar novas estratégias de conscientização da humanidade para os malefícios que o mundo enfrenta ou poderá enfrentar como efeitos da degradação do meio ambiente.

A relação feita de forma sustentável com o meio ambiente requer mudanças de paradigmas e no modelo de desenvolvimento que é adotado atualmente, baseado no consumo de produtos, exploração de recursos naturais e acesso desigual a tais recursos para atender às necessidades do homem (Azzari, 2019).

## CAPÍTULO II

### 2.0 A METÁFORA: UMA FIGURA DE LINGUAGEM ESSENCIAL NA COMUNICAÇÃO HUMANA

A metáfora é uma figura de linguagem amplamente utilizada na comunicação humana, desempenhando um papel crucial na expressão de ideias, emoções e conceitos abstratos. Por meio da metáfora, é possível estabelecer conexões entre termos ou conceitos aparentemente distintos, permitindo uma compreensão mais profunda e criativa do mundo (Drunkenmolle, 2023; Godoy, 2023; Vereza, 2010).

A metáfora tem sido objeto de pesquisa de muitos estudiosos a muitos séculos, de acordo com Sardinha (2007). O primeiro pensador a fazer estudos contundentes sobre a metáfora foi o filósofo grego Aristóteles, o qual sistematizou o conceito desse fenômeno linguístico e estético, deixando um legado conceitual que é a base para os estudos até os dias atuais, sendo um legado de extrema importância para os pesquisadores que querem enveredar pelos ricos caminhos da metáfora. Em *Poética* pode-se encontrar um dos mais antigos, se não o mais antigo conceito de que a metáfora está no fato de se dizer algo usando elementos diferentes: “todos os deuses e homens dormiram toda a noite”(Aristóteles, 2008, p. 100) - essa relação é corroborada através do estudo de Guedelha (2013, p.101), que afirma que “a metáfora se instaura como substituição de uma palavra por outra em sentido figurado.”

Muitos estudiosos parecem concordar que as expressões metafóricas tipicamente encontradas na literatura são mais criativas, novas, originais, impressionantes, ricas, interessantes, complexas, difíceis e interpretáveis do que aquelas que provavelmente encontraremos em textos não literários. Também é frequentemente afirmado que os escritores literários usam a metáfora para ir além e estender nossos recursos linguísticos e / ou conceituais comuns e para fornecer nova compreensão e perspectivas sobre a experiência humana. Usam-se na literatura expressões metafóricas criativas para apresentar uma perspectiva não convencional. A única suposição principal que parece ser compartilhada, implícita ou explicitamente, pela grande maioria dos

estudos de metáfora na literatura é que existe uma diferença entre metáfora na literatura e metáfora em outros lugares.

Diferentes abordagens da metáfora na literatura, no entanto, discordam, às vezes de maneira bastante dramática, sobre como a metáfora na literatura difere da metáfora fora da literatura ou, em outras palavras, sobre qual é a relação entre metáfora na literatura e metáfora em outros lugares. Existem abordagens que enfatizam a descontinuidade entre metáfora na literatura e metáfora na linguagem não literária e abordagens que enfatizam a continuidade entre metáfora na literatura e metáfora na linguagem não literária. Ambas as abordagens estão corretas e detalhes precisos sobre a distribuição, função e efeito da metáfora estão limitados a mais de um milímetro a ser coletado e examinado por meio de estudos linguístico-*corpus* e psicolinguísticos.

Uma influência importante nas abordagens linguísticas modernas dos textos literários tem sido a visão formalista da literatura (e da poesia em particular), caracterizada pela distorção esteticamente intencional dos componentes linguísticos da obra, ou seja, a violação intencional das normas da literatura padrão (Mukarovsky, 1970).

As escolhas linguísticas nos textos literários podem se desviar das normas e convenções linguísticas gerais. Argumenta-se que o uso do desvio linguístico coloca em primeiro plano um determinado texto (trecho de) e potencialmente atualiza as atitudes e visões de mundo do leitor (Leech, 1969; Nowotny, 1965; Short, 1996). Na tradição, o uso de expressões metafóricas é visto como um tipo particular de desvio linguístico que envolve o nível semântico da linguagem, uma vez que, afirma-se, metáforas são, se tomadas literalmente, ilógicas, absurdas ou sem sentido (Short, 1996)

As metáforas podem ser descritas como violações das restrições normais de seleção, resultando em relações de significado aparentemente ilógicas e sem sentido. Isso antecede as expressões relevantes, exige uma interpretação por parte do leitor e pode levar à automatização da visão do leitor sobre os aspectos relevantes da realidade.

O papel dos estudiosos que operam dentro dessa tradição sugere que a metáfora na literatura é diferente (e superior à) da metáfora externa à literatura, devido à maneira pela qual as expressões metafóricas interagem

entre si e com outros aspectos do texto literário em que ocorrem. Nowotny (1965) aponta que os poemas são mais altamente estruturados em termos linguísticos do que outros tipos de texto, e que padrões metafóricos em particular podem contribuir para a organização textual complexa que leva à significância e efeitos gerais de um poema (Leech, 1985).

Embora os estudos frequentemente mostrem uma profunda consciência das funções cognitivas da metáfora (Leech, 1969, p. 158; Nowotny, 1965, p. 60), eles se concentram na metáfora como um fenômeno linguístico. A poética cognitiva de Tsur (1992, 1997), por outro lado, emprega teorias cognitivas para explicar sistematicamente a "relação entre a estrutura dos textos literários e seus efeitos percebidos" (Tsur, 1992, p. 1). No que diz respeito à metáfora, Tsur pretende explicar como as características particulares de cada nova metáfora na poesia levam a efeitos particulares e frequentemente únicos. Ele afirma que expressões metafóricas envolvem contradições lógicas que são resolvidas cancelando características irrelevantes do veículo e transferindo as características restantes para o teor (Tsur, 1992; 1997).

Enquanto Leech (1969) e outros se preocupam com o modo como o uso da metáfora é fundamentado no que diz respeito ao uso da linguagem literal, Tsur (1997) desenvolve um relato de por que algumas metáforas literárias são percebidas como 'sem marcação' enquanto outras são percebidas como 'marcadas'. Mais especificamente, ele faz uma distinção entre metáforas que tendem a ser percebidas como emotivas, elevadas ou sublimáticas e aquelas que tendem a ser percebidas como espirituosas, irônicas ou extravagantes.

Nem todas as abordagens da metáfora na literatura pertencem à mesma tradição, mas têm várias semelhanças importantes. Embora todos reconheçam que a metáfora não é um fenômeno exclusivamente literário, eles enfatizam a descontinuidade entre a metáfora na literatura e a metáfora em outros lugares, concentrando-se em exemplos literários altamente criativos, originais e frequentemente complexos.

Esses estudos também fornecem relatos extensos da variedade de estruturas metafóricas que podem ser encontradas na literatura e de seus efeitos potenciais. Quando consideram a relação entre metáforas literárias e não literárias, os estudos tendem a atribuir primazia à metáfora na literatura e,

portanto, a ver metáforas fora da literatura como amplamente derivativas e, portanto, menos dignas de investigação.

Leech (1969) coloca assim: no ditado 'Linguagem é poesia fóssil', chama nossa atenção para o fato de que o poder expressivo da linguagem cotidiana reside amplamente em inúmeras metáforas 'mortas', que se institucionalizaram nos múltiplos significados do dicionário. (Leech, 1969, p. 147).

Desde o final dos anos 1970, as "inúmeras metáforas" mortas "da linguagem cotidiana desempenharam um papel central no desenvolvimento da teoria cognitiva da metáfora por Lakoff e seus colegas (Gibbs, 1994; Lakoff & Johnson, 1980, 1999; Lakoff e Turner, 1989).

Através dos seus estudos, os teóricos da metáfora cognitiva mostraram que a linguagem cotidiana comum é permeada por padrões de expressões metafóricas convencionais (por exemplo, 'preciso de um senso de direção', 'não estou chegando a lugar algum na vida') e propuseram que padrões refletem mapeamentos metafóricos sistemáticos entre domínios na memória de longo prazo - conhecidos como metáforas conceituais (por exemplo, "a vida é uma jornada").

Dentro dessa teoria, a metáfora é uma ferramenta linguística e cognitiva onipresente e indispensável, que usamos sistematicamente para conceber nossas experiências mais abstratas e subjetivas (por exemplo, o funcionamento de nossas mentes), em termos de experiências físicas concretas (por exemplo, manipulação de objetos físicos).

## **2.1 A Metáfora cognitiva e sua importância**

O surgimento da teoria da metáfora cognitiva levou a uma reavaliação do papel da metáfora no cotidiano, linguagem não literária, e a uma nova perspectiva sobre a metáfora na literatura. Em seu estudo da metáfora na poesia, Lakoff e Turner (1989) afirmam que as expressões metafóricas produzidas por poetas de prestígio podem ser vistas como novos usos das

metáforas conceituais convencionais que também estão subjacentes a grande parte da nossa linguagem metafórica cotidiana.

Mais especificamente, são identificados quatro modos principais de criatividade metafórica na poesia, a saber, extensão, elaboração, questionamento ou combinação de metáforas conceituais convencionais (Lakoff e Turner, 1989).

Seu ponto principal é que os poetas desafiam e ampliam as maneiras comuns pelas quais pensamos e nos expressamos usando criativamente as mesmas ferramentas metafóricas que todos usamos na linguagem cotidiana. Essa abordagem vê a metáfora na linguagem cotidiana como principal e a metáfora na literatura como a exploração criativa de metáforas comuns e não literárias.

Com base em expressões convencionais, Kövecses (2000) propôs que uma maneira comum de compreender relacionamentos é através do domínio de origem de conexões que, nos termos de Lakoff e Turner (1989), são realizadas de forma criativa, dando a noção de "vínculo físico" por meio do conceito específico.

A escolha específica da imagem aumenta o contraste entre os conceitos de origem e de destino e introduz os elementos adicionais de compulsão e dor, que normalmente não fazem parte da metáfora conceitual geral. Isso pode ajudar a explicar por que, embora as expressões metafóricas específicas sejam bastante impressionantes e inovadoras, a maioria dos leitores provavelmente concorda que representa a percepção do orador poético sobre a força e a inevitabilidade de seu relacionamento.

Esse tipo de abordagem é responsável principalmente pelos aspectos mais básicos (e geralmente compartilhados) das interpretações dos leitores sobre metáforas literárias específicas. Lakoff e Turner (1989) enfatizam repetidamente isso, referindo-se à relativa facilidade com que metáforas literárias aparentemente complexas podem ser interpretadas pelos leitores (Lakoff e Turner, 1989). De fato, Lakoff e Turner não se preocupam principalmente com exemplos, textos ou autores individuais, mas com o que instâncias individuais de metáfora na literatura compartilham com muitas outras expressões metafóricas (literárias e cotidianas) que podem ser rastreadas até a mesmas metáforas conceituais.

Isso contrasta fortemente com a preocupação com a singularidade da estrutura e efeitos de cada uso individual da metáfora, que está no centro do trabalho de Tsur e outros (Swan, 2002; Tsur, 2000). Embora, por um lado, esse tipo de abordagem cognitiva forneça *insights* profundos sobre a relação entre metáfora na literatura e metáfora na linguagem cotidiana, tende a subestimar a importância de metáforas totalmente novas, que não podem ser facilmente explicadas em termos de padrões convencionais e metáforas conceituais. Pilkington (2000) afirma que a teoria da relevância defende que os enunciados metafóricos constituem uma parte natural do uso da linguagem que não se aparta de nenhuma norma.

Dentro dessa teoria, os enunciados metafóricos, como enunciados literais, são produzidos e compreendidos de acordo com o princípio da relevância, ou seja, alcançar o melhor compromisso possível entre o esforço de processamento e os efeitos interpretativos.

No entanto, metáforas criativas do tipo normalmente encontrados na poesia requerem um esforço cognitivo adicional e produzem uma ampla gama de implicaturas pouco comunicadas. Isso, de acordo com os teóricos da relevância, é o que constitui a essência do que eles chamam de "efeitos poéticos" (Pilkington, 2000; Sperber e Wilson, 1986, 1995, p. 217-223).

Como resultado de conclusões interpretativas pouco entretidas, a noção de 'efeitos poéticos' captura a difusão, a imprecisão e a riqueza das interpretações que tendemos a derivar da poesia em particular e explica tudo isso em relação às próprias expressões linguísticas relevantes e à disposição dos leitores de dedicar maior esforço cognitivo do que o habitual. Os teóricos da relevância, no entanto, frustrantemente tendem a se concentrar em expressões individuais isoladamente e quase nunca produzem relatos gerais de padrões metafóricos em textos inteiros (por exemplo, Sperber e Wilson, 1986, p. 237).

De fato, os ataques mútuos (e deturpações parciais) dos principais proponentes das abordagens diferenciais permitem que se ofereça uma linguagem social e uma convergência (Lakoff e Turner, 1989; Tsur, 2000). Contudo, apesar das diferenças teóricas às vezes encontradas, cada abordagem pode contribuir de maneiras significativas para nossa compreensão e apreciação do funcionamento da metáfora na literatura.

Embora seja importante reconhecer as diferentes estruturas e efeitos potenciais da metáfora na literatura e as características únicas de cada exemplo individual, também é crucial apreciar a força das conexões entre os usos criativos e convencionais da metáfora.

Embora a visão formalista da metáfora como desvio linguístico não possa mais ser sustentada, a ideia de que algumas expressões metafóricas são mais fundamentadas do que outras permanece altamente relevante e não é de todo incompatível com abordagens cognitivas mais recentes.

As novas metáforas linguísticas, por outro lado, provavelmente serão colocadas em primeiro plano precisamente porque não são convencionais (seja em termos puramente linguísticos ou em termos linguísticos e conceituais).

Além disso, as várias dimensões de Tsur acentuadas para metáforas explicam por que algumas novas metáforas talvez sejam mais importantes (ou 'marcadas') do que outras. Segundo Swan (2002) o engajamento da teoria da metáfora cognitiva para caracterizar o que é regular, invariável e generalizável em uma amostra aberta de instâncias não precisa necessariamente inibir uma cognição.

A abordagem da metáfora une uma descrição de sua estrutura sistemática a relatos de atos de significado particulares situados (Swan, 2002). Isso realmente se aplica ao estudo da metáfora em geral: ao investigar usos autênticos da metáfora, é sempre importante considerar tanto a especificidade das expressões individuais no contexto quanto sua relação com os padrões convencionais grandes em um gênero específico, discurso ou linguagem.

Em um estudo influente, Lodge (1977) demonstra que a oposição entre metáfora e metonímia (como proposto por Roman Jakobson) pode explicar as diferenças entre diferentes modos de discurso, gêneros, escolas literárias, autores, textos e partes de textos. Embora existam muitas dificuldades nas reivindicações de Lodge, ele inegavelmente fornece observações perspicazes sobre diferenças nas frequências e usos da metáfora na poesia em oposição à prosa, bem como, por exemplo, na escrita modernista em oposição à escrita realista e anti-modernista.

Mais recentemente, vários estudos consideraram os usos e funções da metáfora em gêneros específicos. Crisp (1996), por exemplo, argumenta que a propriedade prototípica da poesia imagista é o uso de expressões metafóricas

que realizam o que Lakoff e Turner (1989) chamam de metáforas da imagem, metáforas que envolvem o mapeamento de imagens visuais em vez de conceitos (Crisp, 1996).

Estudos semelhantes sobre os usos da metáfora, característicos de determinados gêneros literários, foram recentemente conduzidos em Haikus (Hiraga, 1999), ficção científica e romances de fantasia para jovens adultos (Walsh, 2003) e relatos ficcionais e não-ficcionais de experiências de "eu dividido" (Emmott, 2002).

Tradicionalmente, os estudiosos da literatura se preocupam ainda mais com o modo como autores individuais usam a metáfora em suas obras e tratam os padrões metafóricos como uma parte importante do estilo e da agenda literária de um escritor. Lodge (1977), por exemplo, afirma que Philip Lark, em metonímia privilegiada sobre metáfora em seus poemas, usa metonímia como uma reação ao estilo de poetas como Dylan Thomas, conhecido como um escritor que tem preferência por metáforas.

Ele também descreve o desenvolvimento dos escritos de Virginia Woolf em direção à experimentação e ao modernismo como uma mudança de um estilo metonímico para um metafórico. Mais recentemente, influenciados pela teoria da metáfora cognitiva, começaram a considerar os padrões metafóricos não apenas como parte do estilo individual de um escritor, mas também como um reflexo de sua visão de mundo individual. Margaret Freeman (1995), por exemplo, argumentou que a poesia de Emily Dickinson é caracterizada por padrões metafóricos que refletem o domínio de um conjunto de metáforas conceituais parcialmente idiossincráticas.

Essas metáforas contrastam com as metáforas conceituais culturalmente dominantes da época e se combinam para criar o que Freeman chama de "universo conceitual" de Dickinson. Estudos semelhantes foram realizados sobre o uso da personificação de WH Auden (Hamilton, 1996) e o uso de metáforas de Gerald Manley Hopkin para mediar entre o material e o transcendente (Sobolev, 2003). Esse foco no uso individual da linguagem é, obviamente, uma característica da literatura, uma vez que ela estuda, mas também levanta a questão mais geral do papel da metáfora nos idioletos do indivíduo e nas visões de mundo pessoais.

Como Kövecses (2002, 2005) apontou, nossa experiência cotidiana sugere que pessoas diferentes usam a metáfora de maneiras (parcialmente) diferentes, mas essa 'variação individual' até agora recebeu pouca atenção da parte de estudiosos da metáfora. Este não é apenas um problema em estudos de metáfora literária, mas também vale para estudos da representação cognitiva da metáfora em linguagens cognitivas e psicologia cognitiva (Blasko, 1999).

## **2.2 A metáfora na construção do conhecimento**

A metáfora pode ser definida como uma figura de linguagem que estabelece uma relação de semelhança entre dois elementos, geralmente através da atribuição de características ou propriedades de um elemento a outro (Lemgruber, 2009; Marcuschi, 2000; Rosa, 2020).

De acordo com Silva e Catani (2019), ao recorrer a imagens e associações figurativas, a metáfora torna a comunicação mais expressiva, despertando a imaginação e as emoções do interlocutor. Através da metáfora, é possível transmitir conceitos abstratos, como amor, tempo, justiça, de forma mais concreta e sensorial, facilitando sua compreensão e assimilação (Davidson, 1999).

Nos estudos de Geremias (2023), a metáfora também desempenha um papel importante na construção do conhecimento, pois nos permite compreender e organizar informações complexas por meio de analogias e comparações. Ela auxilia na criação de modelos mentais, ajudando-nos a assimilar novos conceitos relacionando-os a ideias e experiências familiares (Costa, 2023). Por exemplo, ao descrever o funcionamento de um computador como um "cérebro eletrônico", a metáfora nos permite compreender melhor o papel do computador ao relacioná-lo a um órgão humano com funções de processamento de informações.

Também segundo Saliés (2023), a compreensão da metáfora tem sido objeto de estudo em diversas áreas, como a linguística, a psicologia e a neurociência. A teoria da metáfora conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson, sugere que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas uma forma básica de pensamento que estrutura nossa compreensão do

mundo (Medeiros e Santos, 2015). Segundo essa teoria, as metáforas são fundamentais na formação de conceitos, pois mapeiam domínios conhecidos para entender conceitos mais abstratos. “*Segue-se que nenhuma metáfora chega sequer perto de ser definitiva porque da experiência física e cultural nascem naturalmente conceitos metafóricos de todos os tipos.*” (Lakoff, 1985, p.59).

A compreensão da metáfora envolve processos cognitivos complexos, como a ativação de redes neurais, a inferência de sentido e a recontextualização. Estudos neurocientíficos mostraram que a compreensão de metáforas envolve áreas cerebrais relacionadas ao processamento de linguagem, como o córtex pré-frontal e o córtex temporal (Forneck, 2018; Grossi, Leroy e De Almeida, 2015; Lisboa e Zorzanelli, 2014). Essas descobertas reforçam a ideia de que a metáfora é uma parte intrínseca da nossa cognição e da nossa forma de compreender o mundo.

A história da metáfora remonta à antiguidade, sendo uma figura de linguagem presente em diferentes culturas e períodos históricos. Embora não haja um consenso absoluto sobre sua origem exata, é possível identificar o uso da metáfora em diversas civilizações antigas, como a Mesopotâmia, a Grécia Antiga, a Índia e a China (Barcelar, 2017; De Almeida 2015; Santo, 2021).

Na Grécia Antiga, por exemplo, grandes filósofos e escritores como Aristóteles, Platão e Homero já faziam uso frequente da metáfora em suas obras (Menezes, 2012). Aristóteles, em sua obra *A Arte Retórica*, considerou a metáfora como uma das figuras de linguagem mais eficazes para persuadir e emocionar o público (De Carvalho, 2017). Já Platão, em seus diálogos filosóficos, utilizou metáforas como a "Alegoria da Caverna" para transmitir conceitos complexos (De Souza e Marques, 2016; Neto, 2009).

É preciso aplicar exatamente essa alegoria ao que dissemos anteriormente. Devemos assimilar o mundo que apreendemos pela vista à estada na prisão, a luz do fogo que ilumina a caverna à ação do sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera que se trata da ascensão da alma até o lugar inteligível, e não te enganarás sobre minha esperança, já que desejas conhecê-la. (Platão, 2000, p.22).

Na literatura mundial, diversos autores famosos utilizaram a metáfora de maneira brilhante. William Shakespeare, considerado um dos maiores

dramaturgos de todos os tempos, empregou metáforas icônicas em suas peças teatrais, como em *Romeu e Julieta*, onde o amor é comparado a uma rosa e a uma chama ardente (Braun, 2016, Trindade, 2012; Vianna, 2008):

O que é Montéquio? Não é pé, nem mão, nem braço, nem feição, nem parte alguma. De homem algum. Oh, chame-se outra coisa! O que há num nome? O que chamamos rosa teria o mesmo cheiro com outro nome; E assim Romeu, chamado de outra coisa, continuaria sempre a ser perfeito, com outro nome. Mude-o, Romeu e em troca dele, que não é você, me entrego por inteiro. (Sheakespeare, 2011, p.10).

Na literatura brasileira, a metáfora é uma ferramenta amplamente utilizada por renomados escritores. Machado de Assis, considerado um dos maiores escritores brasileiros, empregou a metáfora de forma sutil e perspicaz em suas obras, como em *Dom Casmurro*, onde o ciúme é comparado a um verme que consome o protagonista (Marchezan, 2008; Gualda, 2008). Segue abaixo o fragmento da obra de Machado:

Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos". Não lhe arranquei mais nada. (Machado de Assis, 1899, p.826).

Clarice Lispector, outra grande escritora brasileira, utilizou metáforas vívidas e poéticas em suas obras, revelando a complexidade da existência humana (Viana, 2021; Nepomuceno, 2014), e como exemplo, segue o fragmento: "E a jovem (ela tem dezenove anos) ... se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem não poderia mordê-lo morrendo de fome" (Clarice Lispector, 1998, p.15).

Na literatura brasileira, autores como Conceição Evaristo e Guimarães Rosa exploram a metáfora de forma intensa e original. Mia Couto, escritor de Moçambique com influências da literatura brasileira, utiliza metáforas exuberantes em suas obras para retratar a relação entre o homem e a natureza: "Sou grão de rocha e posso ser o vento que a desgasta. Sou o pólen sem inseto e posso ser a areia sustentando o sexo das árvores" (Couto, 2014a, p. 13).

Conceição Evaristo, por sua vez, emprega metáforas para abordar questões de raça, gênero e identidade em sua escrita potente: “A voz de minha filha recolhe em si e fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade” (Evaristo, 2008, p. 24-25).

Já Guimarães Rosa, um dos maiores expoentes da literatura brasileira, construiu uma linguagem própria repleta de metáforas e neologismos em obras como *Grande Sertão: Veredas*, mergulhando o leitor em um universo simbólico e poético. (De Almeida Rocha, 2023; Micheletti, 2017; Arruda, 2007; Pignatari, 1997; Bolognesi, 1985).

Mostrar-lhe os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatú – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada o céu embranquece – neblim que chamam de xerém. Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim... (Rosa, 2001, p. 42).

A literatura amazonense é rica em talentos que exploram a metáfora como uma poderosa ferramenta literária. Autores como Thiago de Mello, Márcio Souza e Milton Hatoum são exemplos destacados que utilizam metáforas de maneira habilidosa em suas obras, enriquecendo a narrativa e transmitindo significados profundos.

Thiago de Mello, poeta e ensaísta amazonense, é conhecido por sua habilidade em criar imagens poéticas e metáforas impactantes. Em sua poesia, ele explora temas como a Amazônia, a natureza e a condição humana, utilizando metáforas que evocam uma conexão visceral com os sentimentos e as experiências. Um exemplo marcante de seu uso da metáfora pode ser encontrado no poema *Os Estatutos do Homem*, no qual ele compara a liberdade a uma árvore: “É preciso que a árvore se balance para que suas raízes não saiam da terra e para que os frutos não acreditem que estão mais altos do que o próprio tronco” (Mello, 1977, p. 8).

Milton Hatoum, um dos mais importantes escritores contemporâneos da Amazônia, também incorpora metáforas em suas narrativas densas e evocativas. Em suas obras, como *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do*

Norte, ele utiliza metáforas sutis e vívidas para descrever os conflitos familiares, as identidades fragmentadas e as complexidades sociais.

Da janela do quarto vi o emaranhado de torres cinzentas que sumiam e reapareciam, pensando que lá também era outro lugar de solidão e loucura, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. (Hatoum, 1989, p. 160).

Através de imagens metafóricas, Hatoum cria uma atmosfera simbólica que ilustra as tensões e os dilemas dos personagens e do contexto amazônico (Hatoum, 2010; Kruger, 2021).

Dalcídio Jurandir é um autor paraense, considerado um dos grandes representantes da literatura amazônica. Em sua obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, ele utiliza metáforas poéticas para retratar a paisagem e a vida ribeirinha da região amazônica. Através de imagens metafóricas, como o rio comparado a uma serpente caudalosa ou a floresta comparada a um manto verdejante, Jurandir transporta o leitor para a atmosfera única da Amazônia, envolvendo-o em uma viagem simbólica pelos cenários e personagens de suas narrativas (Nunes, 2016; Maligo, 1992; Moraes, 2017).

Os campos não voltaram com ele, nem as nuvens nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo como borboletas mortas. Mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos. (Jurandir, 1997, p. 15).

Os poetas têm a capacidade de utilizar a metáfora de forma poderosa para recriar os problemas ambientais em suas obras, criando imagens simbólicas que despertam a consciência e a sensibilidade do leitor em relação à crise ambiental. Ao explorar a metáfora, eles transcendem a linguagem literal e buscam expressar a complexidade e as consequências dos problemas ambientais de maneira poética e impactante.

Segundo Ricoeur (1989), a metáfora permite que os poetas estabeleçam conexões simbólicas entre elementos naturais e sociais, evocando emoções e despertando uma maior compreensão dos problemas ambientais: “Subitamente, nós vemos-como; vemos a velhice como o entardecer, o tempo

como um mendigo, a natureza como um templo de colunas vivas. (Ricoeur, 1989, p. 219).

Essa metáfora provoca uma reflexão profunda sobre as ações humanas e seus impactos no meio ambiente. Além disso, a metáfora pode ser utilizada para transmitir a interdependência entre os seres humanos e a natureza, evidenciando a importância da preservação ambiental.

Ao comparar um ecossistema a um delicado equilíbrio, como um castelo de cartas, o poeta destaca a fragilidade e a necessidade de cuidado constante para evitar o colapso e a destruição dos sistemas naturais. Essa metáfora evoca a responsabilidade coletiva e a urgência de ações para a conservação ambiental. Os poetas também podem utilizar a metáfora para transmitir a conexão emocional entre os seres humanos e o meio ambiente, despertando a empatia e o senso de pertencimento à natureza. Por exemplo, ao comparar um rio poluído a uma veia envenenada, o poeta revela a ligação intrínseca entre a saúde do ambiente natural e a saúde humana. Essa metáfora provoca uma reflexão sobre a responsabilidade individual e coletiva na proteção dos recursos naturais e na promoção de uma coexistência harmoniosa.

Como o rio era um cachorro, o mar podia ser uma bandeira azul e branca desdobrada no extremo do curso – ou do mastro – do rio [...], mas antes de ir ao mar o rio se detém em mangues de água parada. Junta-se o rio a outros rios numa laguna, em pântanos onde, fria, a vida ferve. Porque é na água do rio que eles se perdem (lentamente e sem dente). Ali se perdem (como uma agulha não se perde). Ali se perdem (como um relógio não se quebra.) Ali se perdem como um espelho não se quebra. Ali se perdem como se perde a água derramada: sem o dente seco com que de repente num homem se rompe o fio de homem. (Melo Neto, 2007, p.85-89).

Ao utilizar a metáfora para recriar os problemas ambientais, os poetas não apenas destacam a urgência dessas questões, mas também estimulam a reflexão crítica e a busca por soluções sustentáveis.

Eles ampliam a compreensão e a sensibilidade do leitor, despertando a consciência sobre os impactos das ações humanas no meio ambiente e incentivando mudanças de comportamento e políticas ambientais mais responsáveis.

As contribuições feitas por Lakoff e Johnson nas últimas décadas foi de grande relevância para tornar a metáfora um objeto de pesquisa de muitos renomados pesquisadores. Os estudos por eles desenvolvidos juntamente com seus colaboradores mostram que a metáfora pode ser utilizada nas mais diversas áreas da linguagem humana, dentre as quais a literatura. Na obra *Metaphors We Live By*, a metáfora é um método cognitivo de extrema importância na construção dos sistemas conceituais. Nas expressões usadas no dia a dia estão inúmeras metáforas que enriquecem os textos e as falas das pessoas, sendo essa a causa do constante uso desse recurso pelos poetas e ficcionistas, uma vez que esses escritores utilizam essa importante ferramenta linguística para dar maior realce às suas produções.

Desde crianças, quando nossos professores no ensino fundamental (antigo 1º grau) falavam em metáfora, todos nós imaginávamos que esse importante recurso era apenas utilizado na literatura, até porque os docentes (talvez por necessidade de melhor formação) não nos explicavam que a metáfora é um recurso que utilizamos de forma espontânea ou intencional no nosso dia a dia. Cotidianamente, mesmo sem termos a percepção, estamos produzindo e utilizamos metáfora. Nas expressões usadas pelas pessoas, nas falas jornalísticas, nos textos científicos, nas propagandas nos mais variados veículos de comunicação, nas redes sociais, podemos encontrar metáforas dando ênfase àquilo que se pretende transmitir. Isso implica dizer que os recursos metafóricos não são exclusividade de determinadas classes sociais ou de profissionais renomados, como escritores, por exemplo. As metáforas estão acessíveis a todos nós sem distinção de cor, raça, credo ou posição social.

Minha mãe por exemplo, sem saber, sempre produziu muitas metáforas para falar comigo, meus irmãos e principalmente com meu pai. Quando fazíamos peraltices nossa mãe dizia que “já ia dar o *nosso remédio*”, se referindo a surra de cinturão. Ou também que ela “ia dar *uma dúzia de bolos* na nossa mão”. Quando eu perguntava onde estava o meu pai minha mãe falava que “ele foi atrás de um *rabo de saia*”, se referindo ao fato de ele ido cometer adultério. Uma vez, em uma das discussões dos meus genitores, minha mãe produziu a seguinte metáfora: “Se eu te encontrar na rua com aquela quenga *eu rodo a baiana*, ainda mais hoje que eu *estou com a macaca!*”. Ela, em seu

momento de fúria, quis dizer que faria um escândalo, até porque estava muito estressada.

Na linguagem da internet encontramos muitas expressões metafóricas, como *caiu o sinal*, *vazou a conversa*, *o site é um cartão de visitas*. No jornalismo econômico podem ser encontradas as expressões *tempo é dinheiro*, *a inflação é uma doença*, *o dinheiro foi pelo ralo*. Tudo isso encontra abrigo nos estudos de Lakoff e Johnson, pois ao romperem com a teoria tradicional da metáfora, buscaram apresentar a metáfora como um recurso que todos usamos corriqueiramente e que a mesma está presente principalmente nos nossos pensamentos e nas nossas ações, não sendo, portanto, um recurso usado apenas por grandes intelectuais.

Na teoria da metáfora conceptual a metáfora é “um dos nossos principais veículos para a compreensão” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 261), e que o nosso sistema metafórico, na sua maior parte, tem uma estrutura, e o mesmo é compreendido através de outras concepções obtidas por intermédio das experiências físicas ou não. Para esses teóricos a metáfora deixa de estar vinculada somente ao âmbito da linguagem e vincula-se primeiramente ao âmbito do pensamento, sendo que tal peculiaridade tende a torná-la parte da linguagem poética e também da linguagem cotidiana, assim como das demais áreas do conhecimento.

Na literatura de expressão amazônica são encontradas inúmeras metáforas que são utilizadas por poetas e ficcionistas para realçar e tornar mais belas as produções literárias desta região.

## CAPÍTULO III

### 3.0 AS METÁFORAS UTILIZADAS POR POETAS E FICIONISTAS DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA QUE RETRATAM OS FLAGRANTES DE DEGRADAÇÃO DA VIDA E DO AMBIENTE

#### 3.1 Cinzas do norte

O livro *Cinzas do Norte*, de autoria de Milton Hatoum, é um relato de rebeldia e da incessante busca pela compreensão. A história se passa em Manaus, a partir da década de 1950, durante a decadência da borracha e o início do período militar. O relato conduz uma narrativa de amizade e a complexa relação entre dois jovens, junto com as mudanças sociais, políticas e ambientais (Reigota, 2014).

Leão (2011), ao retratar o regionalismo, descreve que essa opção de desenvolvimento acarretou desafios ambientais com impactos na floresta em prol da construção da cidade de Manaus. O desenvolvimento não incluía a maior parte da população. Essa problemática é evidenciada no trecho:

Atrás do palácio do Governo uma mancha escura se movia lentamente nas margens do rio. Urubus, dezenas, bicavam dejetos deixados pela vazante. Um cacho de asas abriu um clarão, e no meio apareceram homens e crianças maltrapilhos (Hatoum, 2005, p. 143).

A metáfora relatada tem a função de criar uma imagem vívida e simbólica que vai além da descrição literal. Isso está em concordância com os estudos de Marques (2022), onde a mancha escura se refere ao grupo de urubus que se alimenta de dejetos, representando a decadência, a desolação e a manipulação da área às margens do rio e da cidade de Manaus.

Colaborando com isso, o espanhol Bertrán (2009) esclarece que esses urubus simbolizam a morte, a miséria e a destruição. A metáfora dos urubus sugere a presença de algo ruim, um ambiente degradado, realidade vivida pela grande parte das pessoas.

O livro descreve que a situação era de pobreza extrema, onde as pessoas eram deslocadas para áreas abaixo das habitações à beira do Rio Negro, dando origem a pequenos casebres sem esgoto ou tratamento, palafitas precárias que resultam em mais degradação ambiental.

Nesse cenário: “Era o conjunto habitacional que estavam construídos? O novo Eldorado? É, vais ver que lindo Eldorado. Nem Fogo ia querer morar lá” (Hatoum, 2005, p. 145).

A metáfora do "Eldorado" para transmitir uma ideia irônica e sarcástica em relação às condições reais das palafitas e ao discurso idealizado que é frequentemente envolve projetos de desenvolvimento. Esse relato coincide com as afirmações de Boechat (2014), onde termo "eldorado" historicamente se refere a um lugar mítico de grande riqueza e abundância, muitas vezes associado à busca de tesouros e sonhos grandiosos.

No contexto da passagem, o autor está indicando que a construção do conjunto habitacional é retratada como algo grandioso, um eldorado moderno, mas a realidade é bem diferente. O uso da metáfora é irônico, pois destaca o contraste entre a retórica idealista e a precariedade da situação real. Esse trecho é confirmado por Moura (2020), onde a segunda parte da passagem, "Nem Fogo ia querer morar lá", intensifica o tom irônico ao sugerir que nem mesmo o personagem Fogo, que na obra é o nome do cachorro, gostaria de viver nesse lugar. Isso enfatiza a natureza inóspita e difícil das condições de vida nas palafitas.

Em outra passagem do livro, as metáforas ressaltam a destruição e a completa negligência nas relações com as comunidades tradicionais. Segundo Chiarelli (2007), as pessoas lutam apenas por sua sobrevivência no meio da competição entre diferentes abordagens de ocupação do território:

No dia seguinte bem cedo fui ao Novo Eldorado. O Campo de Cruzes havia sido destruído pela polícia na tarde do feriado. A visão das ruínas acentuava a tristeza do lugar. Cruzes de madeira crestadas cobriam um descampado; o tronco da seringueira fora abatido, as raízes arrancadas; galhos secos espetados em trapos queimados pareciam carcaças carbonizadas (Hatoum, 2005, p. 148).

A metáfora é direcionada para a tristeza causada pelo impacto humano no ambiente natural. Corrobora a pesquisa de Gomes (2007), que a utilização do termo "Campo de Cruzes" cria uma imagem poderosa. Isso porque as cruzes são geralmente associadas a cemitérios, simbolizando morte, sofrimento e perda. Nesse contexto, o "Campo de Cruzes" representa um local de tragédia e desolação. "Tronco da seringueira fora abatido, as raízes arrancadas": Essa parte é confirmada por Moreira e Gonçalves (2022), ressaltando a destruição da natureza.

O corte da seringueira, árvore nativa da região amazônica e a remoção das raízes são ações impactantes que simbolizam o desaparecimento de um ecossistema, causando desequilíbrios ambientais, sociais e econômicos. "Galhos secos espetados em trapos queimados parcialmente carcaças carbonizadas": A imagem dos galhos secos e queimados em meio a trapos queimados ressalta ainda mais a ideia de devastação (Moscardini, 2010).

### 3.2 Lamento de raça

A música "Lamento de Raça" do Boi Garantido, associada ao Festival Folclórico de Parintins, aborda diretamente a preservação da natureza, foca em elementos folclóricos e nas tradições culturais da região amazônica:

O índio chorou, o branco chorou  
Todo mundo está chorando  
A Amazônia está queimando  
Ai, ai, que dor!  
Ai, ai, que horror!  
O meu pé de sapopema  
Minha infância virou lenha  
Ai, ai, que dor!  
Ai, ai, que horror!  
Lá se vai a saracura correndo dessa quentura  
E não vai mais voltar  
Lá se vai a onça pintada fugindo dessa queimada  
E não vai mais voltar  
Lá se vai a macacada junto com a passarada  
Pra nunca mais voltar  
Pra nunca mais, nunca mais voltar

Virou deserto o meu torrão  
Meu rio secou, pra onde vou?  
Eu vou convidar a minha tribo  
Pra brincar no Garantido  
Para ao mundo declarar  
Nada de queimada ou derrubada  
A vida agora é respeitada  
Todo mundo vai cantar  
Vamos brincar de boi, tá Garantido  
Matar a mata não é permitido

"O índio chorou, o branco chorou / Todo mundo está chorando", usa a ação de chorar como uma metáfora para o lamento de todas as pessoas que precisam da floresta para sobreviver. Nesse contexto, o choro representa a tristeza e a angústia causadas pela destruição da Amazônia.

A utilização da metáfora está de acordo com os estudos de Nogueira (2002), que informa que o uso deste recurso enfatiza a universalidade desse lamento, que afeta todas as pessoas, independentemente de sua origem, cor e raça.

"A Amazônia está queimando" personifica a floresta Amazônica, tratando-a como a grandiosa floresta mãe de todo o ecossistema que sofre. A metáfora destaca o impacto das queimadas e da manipulação ambiental na floresta em busca do desenvolvimento (Alencar, 2010).

As linhas subsequentes fazem uso de imagens vívidas e simbólicas, como "Meu pé de sapopema / Minha infância virou lenha" e "Virou deserto o meu torrão / Meu rio secou, pra onde vou?" Para Azevedo (2015), essas metáforas destacam como a destruição da natureza tem um impacto profundo nas memórias, na cultura e nas vidas das pessoas.

A transformação da floresta em "lenha" e "deserto" ilustra o grau de devastação, desertificação e perda. A floresta, as árvores e os animais fazem parte da infância de muitos caboclos do interior e que, a partir desse momento, virou lenha.

Confirmando isso Da Silva (2020) afirma que no contexto amazônico os rios fazem parte do meio de subsistência dos ribeirinhos e das pessoas que vivem no interior. A insuficiência "Meu rio secou, pra onde vou?" transmite a ideia da perda do lar, do ambiente geográfico ideal para a vida advinda dos rios.

Cruz (2014) confirma a metáfora na parte final da letra ao enfatizar a importância da conscientização e da ação. O convite para "brincar no Garantido" e o refrão repetido "Matar a mata não é permitido" transmitem uma mensagem de proteção ambiental e da necessidade de preservar a natureza e a cultura.

### 3.3 O Tocador de Charamela

O *Tocador de Charamela* é um romance escrito pelo brasileiro Erasmo do Amaral Linhares. O livro foi publicado em 1979 e é uma das obras mais conhecidas do autor. A obra de Erasmo Linhares é ambientada na região amazônica e destaca, sobretudo, a temática política da ditadura, mas ao longo de sua obra vê-se a presença de elementos relacionados às questões sociais. (Moura, 2014).

Personagens como o prisioneiro político, o indivíduo errante na sociedade, o seringueiro que aspira a uma vida melhor, mas enfrenta situações semelhantes à semiescravidão (Cantarelli, 2019). Todos esses elementos refletem a busca do autor por expressar suas inquietações em relação à sua terra e a vontade de superação:

Mas tudo no começo é assim mesmo. Não há nada de tão ruim que a gente não se acostume. E eu e os outros – os brabos, como a gente era chamado –, e acabamos nos acostumando. A vida no seringal não é sopa, mas também tem os seus momentos. (Linhares, 2005, p. 120)

A metáfora nesse trecho do livro retrata a ideia de adaptação e resiliência diante de desafios e situações difíceis na vida. Sugere-se que, no início, as dificuldades podem parecer insuperáveis, mas com o tempo as pessoas se acostumam a elas, independentemente de quão ruins possam ser. Confirmando isso, Oliveira (2019) declara com relação ao processo de adaptação a metáfora destaca a natureza humana de se adaptar às diferentes situações, sendo neste caso a capacidade de adaptabilidade a uma nova vida dentro da floresta amazônica. No início, as coisas podem parecer difíceis ou

desafiadoras, mas com o passar do tempo e a exposição contínua as pessoas podem desenvolver a capacidade de enfrentar e conviver com essas dificuldades. As perspectivas de mudanças trazem a metáfora que a vida no início pode ser desafiadora, mas também sugere que as coisas podem melhorar com o tempo. A metáfora “não é sopa” retrata que as pessoas são capazes de superar dificuldades e adversidades, sejam elas físicas, emocionais ou sociais (Ernzen, 2023). A ideia é que a adaptação é uma característica fundamental da nossa espécie (Sepulveda, 2020).

A mestiçagem, ou uma mistura de diferentes grupos étnicos, é um tema recorrente em várias partes do livro. Os personagens representam uma variedade de origens étnicas e culturais. Segundo Andrade (2022, p. 86), isso reflete a diversidade étnica da Amazônia, a miscigenação entre branco, negro e índio, a vinda de pessoas de vários estados brasileiros para trabalharem nos seringais da Amazônia além das questões relacionadas à identidade das pessoas que vivem na região:

A maioria cearense como eu, e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha - aquela enganação toda que andaram espalhando lá pelo Nordeste. Vinham como boi, amontoados no porão e no convés dos navios, largando pra trás a terra, lavoura, casa, mulher e filhos. (Linhares, 2005, p. 119)

A metáfora retrata a ilusão de prosperidade e a decepção associada à migração de cearenses para áreas de produção de borracha, especialmente na região Norte do Brasil. Ela descreve a migração como uma busca por riqueza, mas que, na realidade, foi realizada em desilusão. Freitas *et al* (2019) enfatiza como a maioria dos cearenses, incluindo o narrador, partiu para a região da borracha na esperança de enriquecer. Essa busca por riqueza representa uma ilusão compartilhada por muitos que acreditaram nas promessas de prosperidade econômica. Uma referência à "enganação" sugere que as promessas de riqueza eram enganosas e que as pessoas foram enganadas por informações falsas ou exageradas de que podiam enriquecer nos seringais da Amazônia. A metáfora retrata a decepção que as pessoas enfrentaram ao perceber que a realidade era muito diferente do que imaginavam. De acordo com Sales (2018), sobre os sacrifícios e separações, a metáfora descreve as dificuldades enfrentadas pelos migrantes, incluindo a separação de suas casas,

terras, famílias e meios de subsistência. As condições precárias de viagem com a imagem de pessoas sendo transportadas "como boi, amontoados no porão e no convés dos navios" evoca a ideia de condições precárias e desumanas durante a migração, ampliando a sensação de desilusão (Da Rosa, 2017).

O livro também explora as relações familiares e comunitárias como fontes de apoio e coesão em meio às adversidades.

A comunidade desempenha um papel fundamental na vida dos personagens, oferecendo apoio social e cultural: "Experimentei a primeira vez só para dar gosto ao Dorca, companheiro que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo." (Linhares, 2005, p. 120)

Essa metáfora, "com paciência de santo", é usada para descrever alguém que é extremamente paciente e tolerante em determinada situação. O trabalho de extração do látex produzida pelas seringueiras requeria cortes precisos e repetitivos no próprio tronco da árvore (Alves, 2019).

Outro ponto da obra é a relação entre os personagens e o ambiente. Os personagens frequentemente dependem da natureza para subsistência.

Acordar antes do sol e sair pelo mato raspando casca de seringueira, pendurando tigelinha, comer só por comer, enganando estômago com ipadu, e depois voltar pelo mesmo caminho, recolhendo o leite, correr para a barraca e começar a defumação. (Linhares, 2005, p. 120)

Essa metáfora é uma forma figurativa de descrever o ato de comer sem verdadeiramente a comida, de acordo com Sales (2018), apenas para satisfazer a fome imediata, pela falta de comida dentro da floresta. A expressão "comer só por comer" indica que o trabalhador seringueiro está consumindo alimentos de maneira mecânica, sem interesse real na comida ou no processo de alimentação. Isso sugere que a ação de comer se tornou uma necessidade funcional, em vez de ser um alimento apropriado para o trabalho doloroso nos seringais (Da Silva, 2018). O uso da frase "enganando estômago" sugere que está apenas satisfazendo uma necessidade fisiológica básica de alimentação, sem considerar o valor nutritivo ou a escassez de ter outra refeição disponível. É como se o estômago fosse escondido temporariamente para pensar que está recebendo nutrição, mas sem o benefício real. A palavra "ipadu" pode ser

interpretada como algo sem valor ou substância real, semelhante a consumir algo vazio ou insatisfatório. A atividade dos seringueiros descreve relação social direta com a comida, onde a alimentação se torna uma tarefa utilitária e desprovida de prazer, nutrição ou valor real (Lima, 2022).

### 3.4 Dois Irmãos

O romance *Dois Irmãos*, escrito por Milton Hatoum em 2000, relata a história dramática da família de Halim e Zana, cujas raízes remontam ao Líbano. A narrativa é construída com base nas lembranças fragmentadas do narrador, Nael, assim como de outros personagens na trama (Mesquita, 2022). Nael é filho de Domingas, um jovem indígena que, por gratidão às generosas doações financeiras do casal libanês à Igreja Católica, foi entregue à família. Domingas dedicou sua vida à família de Halim, desde a juventude até a velhice, e Nael é filho de um dos membros da casa, incluindo os gêmeos Yaqub e Omar (Martins, 2022).

A história se passa na cidade de Manaus e gira em torno de conflitos familiares, ódio e rivalidade entre os gêmeos, além de outros eventos significativos que são narrados a Nael por Halim, Domingas e Zana. Esses fragmentos de memória são reunidos como peças de um quebra-cabeça, com o objetivo de desvendar os acontecimentos do passado e, em particular, uma verdade sobre a paternidade de Nael (Santana, 2023).

A primeira metáfora do livro remete à cultura indígena e à interação social com outras pessoas. O personagem de Domingas, um indígena que é parte integrante da história, representa uma conexão especial com a natureza. Sua história destaca a importância da cultura social.

As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus. Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. "O que a religião é capaz de fazer, ele disse. "Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa. (Hatoum, 2000, p. 64-65)

A metáfora "Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa" sugerem que algo ou alguém tem a capacidade de unir ou conectar

coisas, ideias ou pessoas que são fundamentalmente diferentes ou opostas. Neste caso, a metáfora compara a ação ou o elemento indicado a um mediador ou facilitador que pode harmonizar ou estreitar as diferenças. Para Pessoa (2023), ressalta a ideia de que uma determinada figura, objeto ou ação tem o poder de melhorar a relação entre opostos, como o céu e a terra, que representam elementos diametralmente distintos, ou a empregada e a patroa, que podem ter diferenças aspectos sociais e econômicos. A metáfora enfatiza a capacidade de criar harmonia e reconciliação entre essas diferenças, atuando como um agente de aproximação ou entendimento (Negreiros, 2022).

Em outro trecho o livro também destaca a natureza da região amazônica, que serve como um cenário rico e simbólico. Manaus, onde a história se passa, é uma cidade cercada pela densa e exuberante floresta amazônica. Segundo Nishikido (2021), a descrição da paisagem, da vegetação exuberante, dos rios e da natureza exótica que cercam a cidade é uma parte fundamental da atmosfera do romance *Dois Irmãos*. A natureza amazônica é retratada como tanto magnífica quanto ameaçadora, acrescentando profundidade à história:

Sentada na proa, o rosto ao sol, parecia livre e dizia para mim: “Olha as batuínas e as jaçanãs”, apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá, apontavam as ciganas nos galhos tortuosos dos atuirás e os jacamins, com uma gritaria estranha, cortando em bando o céu grandioso. (Hatoum, 2006, p. 55)

De acordo com Luiz (2020), o texto descreve o esplendor da natureza de forma vívida e envolvente. Ele captura a beleza e a diversidade da vida selvagem, bem como a experiência de alguém que está imerso nesse cenário (Kauana de Carvalho, 2021). O texto começa com a pessoa sentada na proa, com o rosto voltado para o sol. Isso evoca uma imagem de tranquilidade e calor, ressaltando a atmosfera agradável e serena do ambiente natural. O texto destaca a presença de pássaros, como as batuínas e as jaçanãs, que estão interagindo com a água e as folhas de matupá. Isso cria uma imagem de movimento e vida na natureza, com os pássaros desempenhando um papel ativo no cenário (De Andrade, 2014). O texto também menciona árvores, como os atuirás e os jacamins, que abrigam ciganas nos arbustos. Essa descrição

acrescenta uma camada de complexidade à cena, ressaltando a interconexão entre os diferentes elementos do ecossistema (Gandra, 2015).

O livro *Dois Irmãos* também descreve o lado opressor do desenvolvimento. Para Dos Santos (2021), a relação entre a natureza e a história dos personagens e da cidade é um elemento importante do livro que merece destaque.

Porém é evidente o contraste entre o crescimento urbano desordenado e a exploração social das pessoas de baixa renda (Da Silva, 2018). Segundo Dos Santos (2021), a obra explora o contraste entre a cidade com sua urbanização e o cenário natural da Amazônia. Esse contraste ajuda a destacar a complexidade das identidades dos personagens, que muitas vezes se debatem entre as influências culturais e a conexão com a natureza:

Com a decadência desse período, esses ribeirinhos migraram para a cidade e tiveram de construir casas sobre troncos 4 em igarapés de bairros periféricos, vivendo em “um mundo escondido, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver” nascia dessa forma a “Cidade Flutuante”. (Hatoum, 2006, p. 59)

Segundo Pessoa (2023), fica nítida a opressão social experimentada pelos ribeirinhos devido à decadência econômica em seu período anterior. A primeira forma de opressão social é a migração forçada dos ribeirinhos para a cidade (Costa, 2021). A decadência econômica da região ribeirinha pode ter sido causada por fatores como a diminuição das oportunidades de emprego ou a manipulação do meio ambiente, o que forçou essas pessoas a abandonarem suas casas e meios de subsistência tradicionais em busca de melhores condições de vida (Souza, 2023).

Além disso, o texto menciona que, ao chegarem à cidade, os ribeirinhos tiveram que construir suas casas sobre troncos em igarapés nos bairros periféricos. Isso sugere que eles enfrentaram dificuldades na obtenção de moradia adequada. As casas construídas sobre troncos são instáveis e insalubres, tornando a vida difícil para essas pessoas (De Oliveira Fernandes, 2021). A frase "um mundo escondido" indica que esses ribeirinhos vivem à margem da sociedade, muitas vezes em condições de pobreza e invisibilidade. Eles não têm acesso às mesmas oportunidades, recursos e serviços que outros residentes urbanos (Rocha, 2015). Isso cria uma clara divisão social em

que essas pessoas são marginalizadas e oprimidas, vivendo à margem da sociedade (De Oliveira Torres, 2023). Portanto, o texto ilustra a opressão social enfrentada pelos ribeirinhos que, devido à decadência econômica, são obrigados a migrar para a cidade, onde vivem em condições precárias e têm acesso limitado a oportunidades.

O romance também aborda o esgotamento dos padrões das pessoas mais necessitadas e doentes que não tinham moradias (Bueno, 2023). Esse tema reflete as mudanças sociais na região que afetam tanto os personagens quanto o ambiente natural que os rodeia:

Lembro-me de que estava ansioso naquela tarde de meio-céu. Eu acabara de dar minha primeira aula no liceu onde havia estudado e vim a pé para cá, sob a chuva, observando as valetas que dragavam o lixo, os leprosos amontoados, encolhidos debaixo dos oitizeiros. Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com o seu passado (Hatoum, 2000, p. 264).

O trecho descreve a desigualdade social em Manaus e, de certa forma, em todo o contexto amazônico. Os personagens enfrentam desafios e conflitos semelhantes aos encontrados na natureza, como a competição, a sobrevivência e a luta pela dominação.

Com relação a segregação e a exclusão social que muitas pessoas em Manaus experimentaram no passado, vamos analisar como essa metáfora ilustra essa segregação: “O progresso não os alcançara e “o futuro ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico” (Hatoum, 2006, p. 96).

“O progresso não os alcança”: A primeira parte da metáfora sugere que, para algumas pessoas, o progresso econômico e social que ocorreu em Manaus não teve impacto significativo em suas vidas. Eles ficaram à margem do desenvolvimento e não se beneficiaram das oportunidades que estavam surgindo (Degan, 2021). “O futuro ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se”: A segunda parte da metáfora destaca a frustração de muitas pessoas em relação ao seu futuro.

Embora a ideia de um futuro melhor fosse uma esperança, a metáfora sugere que essa esperança se dissipava, indicando que essas pessoas tinham poucas perspectivas de alcançar uma vida melhor. “Mormaço amazônico”: A

menção ao "mormaço amazônico" evoca uma sensação de calor e opressão, simbolizando as condições difíceis em que viviam essas pessoas. O calor pode ser tanto literal, devido ao clima da região, quanto figurativo, representando as dificuldades sociais e econômicas (Falcão, 2019).

A metáfora descreve a segregação social e a exclusão de certos grupos de pessoas da prosperidade e das oportunidades que estavam disponíveis em Manaus:

O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um ou outro sumia na escuridão do rio e virava notícia. Esses indivíduos formaram o bairro do Educandos, "o bairro anfíbio do centro de Manaus [...], o labirinto de casas erguidas sobre troncos." (Hatoum, 2006, p. 90)

Destaca-se a metáfora com a disparidade entre aqueles que se beneficiaram do progresso e aqueles que ficaram presos em uma realidade tentadora, onde a ideia de um futuro melhor parecia inatingível.

Com relação a ditadura militar, o livro percorre o período ao fornecer metáforas que retratam Manaus em transformação com esse momento de autoritarismo.

"Eles estão em toda parte rodeando os campos, rodeando a cidade [...]. Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados" (Hatoum, 2006, p. 147). A metáfora "Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados" descreve uma situação em que a presença ou influência de soldados é tão onipresente que até mesmo as árvores e os terrenos baldios são associados a eles. Essa metáfora cria uma imagem vívida e expressiva que ilustra um ambiente permeado pela presença militar, provavelmente em um contexto de repressão ou autoritarismo (Pinto, 2023).

A metáfora se refere a "soldados" como uma representação de forças militares ou de segurança. Isso sugere que esses soldados estão em grande número e desempenham um papel proeminente na sociedade ou na comunidade em questão.

A frase "Até nas árvores dos terrenos baldios" enfatiza a extensão da presença militar. O fato de mencionar árvores em terrenos baldios, que

geralmente são locais supervisionados, destaca como essa presença militar pode estar em todos os lugares, mesmo nos lugares mais inesperados. A metáfora sugere que essa presença militar é tão disseminada que as árvores e os terrenos baldios, que normalmente eram símbolos de natureza e liberdade, agora estão associados aos soldados. Isso pode implicar uma sensação de invasão ou controle excessivo, transformando elementos da vida cotidiana em símbolos de autoritarismo.

O regionalismo social presente na obra se concentra na representação de características e cenários da cidade quanto da natureza amazônica.

Esse cheiro, disse Halim no esconderijo da sobreloja, <sup>1</sup>e essa gente toda, os pescadores, os carroceiros, os carregadores que conheci quando era muito jovem. Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo, iam dos barcos para o alto da praça, o dia todo assim. Eu vendia tudo, de porta em porta. Entrei em centenas de casas de Manaus, e quando não vendia nada, me ofereciam guaraná, banana frita, tapiquinha com café. (Hatoum, 2000, p. 133)

Os detalhes criam uma sensação autêntica e rica do ambiente em que suas histórias se desenvolvem, promovem interesse e destacam a identidade regional.

Quando Halim se deu conta, já não vendia quase nada do que sempre vendera: redes, malhadeiras, caixas de fósforo, terçados, tabacos de cordas, iscas para corricar, lanternas e lamparinas. Assim, ele se distanciava das pessoas do interior, que antes vinham à sua porta, compravam, trocavam ou simplesmente proseavam. Agora a fachada da loja exibia vitrines, e pouca coisa restava que lembrasse o antigo armazinho a menos de duzentos metros da praia do Negro. (HATOUM, 2006, p. 99). Ali mesmo, debaixo da seringueira, [...] <sup>2</sup>Era o nosso leito de folhas. Dava uma coceira danada, porque aquele canto do mato era cheio de urtigas. (Hatoum, 2000, p. 69)

O marcante regionalismo amazônico que reflete a transformação da rotina de Halim e a consequente perda de suas raízes culturais. Anteriormente, Halim comercializava produtos típicos da região, como redes, malhadeiras, terçados e tabacos de cordas, estabelecendo uma conexão direta com as necessidades das pessoas do interior. Contudo, a modernização da loja e a introdução de vitrines simbolizam uma descaracterização desse comércio tradicional, afastando-o da autenticidade regional.

A descrição do antigo armazém próximo à praia do Negro destaca a distância crescente entre Halim e a comunidade, revelando a perda de interação humana e a substituição das trocas informais por transações comerciais mais impessoais.

A menção ao "leito de folhas" debaixo da seringueira ressalta a simplicidade e rusticidade da vida na Amazônia, realçando a coceira causada pelas urtigas como um elemento autêntico desse cenário regional.

### **3.5 Possibilidade de inserção das metáforas utilizadas por poetas e ficcionistas de expressão nas aulas de literatura**

As aulas de literatura são um espaço muito importante para o professor trazer à baila o debate sobre alguns efeitos nefastos da degradação ambiental para a nossa saúde, os quais atualmente são muito perceptíveis, como a poluição do ar nas grandes cidades, a falta de tratamento de esgotos, áreas contaminadas por produtos químicos e queimadas. É de suma importância que os jovens possam fazer discussões sobre a necessidade de se haver uma relação harmônica entre o homem e a natureza pensando no desenvolvimento e implementação de políticas públicas voltadas para um olhar mais preocupado e abrangente com relação ao meio ambiente.

O que se pode observar é que em algumas escolas da rede pública do Estado do Amazonas, os temas de grande relevância na atualidade não são trazidos para o centro de discussões nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, como é o tema da educação ambiental, talvez por falta de interesse por parte do docente, por falta de formação para os professores voltada para os temas transversais na sala de aula ou falta de interesse dos alunos em instigar os professores a trazerem esses temas para o centro do debate. O certo é que para se falar sobre as terríveis desvantagens trazidas pela degradação do meio ambiente, é preciso que os alunos tenham aulas sobre educação ambiental.

As aulas sobre Educação Ambiental devem suscitar nos alunos o entendimento sobre a necessidade de haver comprometimento com o meio ambiente em que eles estão inseridos, para que esses jovens possam assumir

suas responsabilidades como cidadãos, no enfrentamento dos problemas ambientais do mundo atual. É preciso que toda a humanidade seja sensibilizada e compreenda que o homem depende da natureza tanto quanto a natureza depende dele para um futuro duradouro. Cada ação do ser humano têm consequências diretas sobre o meio ambiente e as respostas deste na maior parte das vezes são catastróficas. Dessa forma, todos somos levados a refletir sobre as ações de forma global e praticar ações dentro da nossa comunidade visando construir um mundo mais benéfico e sustentável. Para a lei 9.795, promulgada em 27 de abril de 1999, que norteia a Política Nacional de Educação Ambiental, no seu Artigo 2º explica que:

A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (Brasil, 2023)

Instigar o ensino em Educação Ambiental desde a educação básica é o caminho para ensinar aos jovens sobre a importância de se respeitar o meio ambiente. A escola precisa oferecer as ferramentas necessárias para que os alunos entendam a relação entre as ações humanas e as consequentes catástrofes oriundas dos fenômenos naturais, proporcionando assim a construção do conhecimento. Estimular o interesse pela leitura de textos que enfocam na preocupação com a degradação do meio ambiente e demais temas relevantes é crucial para a formação de cidadãos preparados para observar as ações do homem fazendo uma análise crítica do mundo que o cerca.

E nesses casos, a literatura pode ser o meio que permite ao homem fazer uma reflexão a respeito do senso de pertencimento, necessário para o desenvolvimento de uma consciência ambiental. As aulas de literatura direcionadas para as pautas que estão em evidência na sociedade atual favorecem a capacitação e instigação dos alunos voltadas à pesquisa. É de suma importância que as aulas possam complementar a formação dos discentes com tarefas escolares que propiciem e instiguem o raciocínio, a autodisciplina, análise crítica dos fatos, a dedicação aos estudos, comprometimento com o aprendizado e maior envolvimento nas atividades da

escola, ampliando dessa forma o seu engajamento no ambiente escolar e proporcionando o protagonismo juvenil.

A degradação humana na literatura passou a ser objeto de estudo por parte de inúmeros pesquisadores. A sociologia usa essa temática para estudar e compreender as causas das mazelas dos grandes centros urbanos, iniciadas pelas lutas de classes seguida da desvalorização do trabalhador operário, o qual recebe sempre um salário muito abaixo do que deveria e trabalhando em situação muitas vezes degradante, em ambientes que oferecem risco à sua saúde.

No século XIX a Literatura passou a mostrar o homem e seus mais diversos dilemas, apresentando a figura do “herói problemático” conforme preconiza Lukács (2000), ou seja, aqueles indivíduos que incessantemente agem à procura de prestígio social, ou no mínimo buscam uma renda que atenda às suas necessidades mais básicas, como moradia, roupa, comida e cachaça. Neste conceito também se enquadram aqueles indivíduos que norteiam suas atitudes em descompasso com os valores convencionados pela sociedade, mergulhando em uma vida permeada pela frustração e solidão motivadas por não conseguir a tão almejada ascensão social, o que corrobora com a afirmação de que o herói problemático é uma categoria da literatura que denomina um personagem que se caracteriza pela procura degradada e inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção (Goldmann, 1976).

É importante salientar que a literatura evidencia o momento estético e ideológico no qual a sociedade encontra-se inserida, trazendo à baila as relações sociais, os posicionamentos políticos, o pensamento religioso, bem como o comportamento social de uma comunidade, como o modo de se vestir, calçar e se expressar. Os escritores e demais artistas manifestam nas suas obras suas análises a respeito da existência, do comportamento do homem e da sociedade, motivando-os a produzir obras de caráter crítico e com profundos questionamentos, visando chamar a atenção do leitor, de forma implícita ou explícita a determinados acontecimentos, nos trazendo elementos que validam a obra (Cândido, 2006). Os heróis na literatura retratam muito o

modo de vida de uma determinada camada social na comunidade em uma determinada época.

## **CONCLUSÃO**

As tendências modernas da pedagogia recomendam um currículo no qual a língua, a cultura e a literatura são ensinadas como um todo contínuo. Essa visão contemporânea do papel da literatura reforça a noção de que textos literários podem ser usados para ensinar cultura a partir dos níveis iniciais. Além de fornecer modelos de linguagem para crianças, as seleções literárias também fornecem informações culturais autênticas, ajudam habilidades de pensamento crítico e enfatizam tradições históricas e literárias. O ensino da literatura na escola primária com métodos pedagógicos apropriados não apenas desenvolve habilidades linguísticas, mas também oferece modelos comportamentais que contribuirão para a realização pessoal das crianças e jovens.

Perceber que as formas de confrontar a literatura da expressão amazônica são muito variadas é outro fator que corrobora a identificação da capacidade significativa dessa arte escrita. Tais perspectivas, que às vezes fazem fronteira com polaridades dicotômicas, indicam uma literatura multifacetada e com múltiplos significados, embora seja uma expressão simbólica de uma realidade específica, que destaca o caráter integral da arte literária local. Olhar a literatura local (da Amazônia, Sudeste, Nordeste, etc.) como um membro ativo da cena literária nacional, que, por sua vez, está incluída em uma dinâmica literária universal, é lançar a produção literária dentro de um escopo mais amplo, cadeia de atividades discursivas, que não está apenas ligada ao seu contexto imediato de possíveis referências, mas, ao contrário, libera uma interação com tantas outras formas simbólicas. Não se trata apenas de teorizar sobre como uma literatura deve ser classificada adequadamente, mas também de discutir o processo com o qual o trabalho interage em vários níveis dialógicos.

E para alcançar esse processo, é essencial ter em mente que a literatura de expressão amazônica, como produção cultural popular, pode e deve ser acessada com mais facilidade pelos leitores mais próximos da experiência de obras literárias regionais. Com isso, a experiência definida dos leitores dialoga com o universo intratextual, os modos pelos quais esses leitores buscam dar sentido à leitura, o que resulta em uma série de possibilidades interpretativas.

Os benefícios da leitura de literatura - sejam eles potencial imaginativo, poder crítico ou capacidade de se relacionar com outras pessoas, culturas ou épocas - certamente exige socialização nas maneiras de dar sentido ao significado e valores literários. De acordo com um vasto número de estudos anteriores, a extensão e o grau das oportunidades das crianças com textos literários em casa varia muito. Portanto, encontros entre estudantes e textos literários orquestrados por professores de escolas competentes se tornaram cada vez mais importantes.

A leitura de literatura é amplamente enquadrada em um discurso geral de gênero: os textos são usados com mais frequência para exemplificar diferentes traços, não para aprofundar as relações literárias e qualidades de cada texto específico. Na literatura usada para leitura silenciosa os alunos são livres para escolher seus próprios livros, mas a leitura é apenas raramente relacionada à instrução explícita. Em alguns casos, a leitura silenciosa individual leva a um relatório de livro ou apresentação oral, uma prática instrucional nas habilidades de apresentação e no livro que foi lido. A literatura educacional inclui um menor grau de discussão literária, focada no desenvolvimento e enriquecimento da compreensão dos alunos sobre determinadas obras da literatura.

Ao destacar dispositivos literários e características de vários gêneros, os instrutores ensinam os alunos a reconhecer os conhecimentos literários e fornecem ferramentas para quando os alunos forem solicitados a produzir seus próprios textos do mesmo gênero. Os textos usados nas instruções compartilhadas são facilmente inseridos em categorias convencionais de gênero e quase todas os professores categorizaram explicitamente a literatura lida em sala de aula como pertencendo a um determinado gênero.

Existem várias razões excelentes para combinar leitura e escrita e textos literários podem muito bem ser usados como exemplos ou ilustrações em gênero e / ou instrução de escrita. Ensinar os alunos sobre características de gênero e vários dispositivos podem ajudá-los a desenvolver competências linguísticas e retóricas, capacitando-os a se expressarem e a construir uma compreensão mais profunda pensando e escrevendo sobre literatura.

É um pouco preocupante ver que a literatura, em tantas salas de aula, parece estar reduzida a uma ferramenta para alcançar outros objetivos de aprendizagem. Embora obras literárias possam fazer parte, por exemplo, de instruções de escrita eficazes ou uma base para as apresentações orais dos alunos, as práticas de ensino não visam desenvolver a competência literária dos alunos, envolvê-los em experiência literária, ampliando seu repertório de compreensão literária estética, e assim por diante. Seção de visualização, comunicação verbal e interação em sala de aula desempenham papéis cruciais no aprendizado e como os alunos falam sobre assuntos de literatura.

Todavia, dentre os vários papéis importantes da literatura, a formação do pensamento crítico é essencial para fazer com que a criança e o jovem comecem a observar de forma diferenciada tudo aquilo que está acontecendo na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, no seu país e no mundo. Para isso é de suma relevância que o docente encontre mecanismo para despertar o senso crítico do aluno. Dessa forma, a metáfora tem contribuição extremamente relevantes, uma vez que ela recria a realidade, ajuda na compreensão, facilita a comunicação tornando-a mais expressiva, bem como é um instrumento elementar de pensamento que auxilia na percepção do homem em relação às pessoas e ao mundo, levando-o a refletir sobre suas atitudes, despertando a consciência e a sensibilidade para a discussão dos temas mais importantes para a humanidade.

Do mesmo modo a ecocrítica contribui sobremaneira para despertar nos alunos o interesse pela preservação do meio ambiente, haja vista que a degradação ambiental está acontecendo de forma acelerada e sem precedentes, fazendo com que os países e continentes sofram com as mudanças climáticas, acarretando alagamentos em algumas regiões, secas extremas em outras, queimadas, derretimento das geleiras polares, o que requer do homem mudança de atitude. Abordar na sala de aula sobre a

degradação humana e ambiental faz com que os alunos compreendam a importância do tema e se sensibilizem no sentido de preservar o planeta terra para o usufruto das futuras gerações. Os poetas e ficcionistas ao fazerem uso de diversas metáforas para abordarem nas suas obras temas atuais estão formando leitores engajados e cidadãos dispostos a construir um mundo melhor para todos.

A degradação ambiental é um tema que precisa ser abordado cada vez mais nas salas de aula e em todos os espaços de discussão, para que a população tenha sempre na lembrança a importância de cuidar do planeta para que o mundo não padeça com catástrofes cada vez mais constantes.

Abordar sobre a degradação humana é de vital importância para que o homem pense sempre no bem-estar do seu semelhante, observando sempre que o progresso econômico precisa vir acompanhado do respeito aos direitos humanos, ao meio ambiente e a cultura de cada povo.

## REFERÊNCIAS

ABBEY, E. **Desert Solitaire: A Season in the Wilderness**. New York: Ballantine Book, 1971.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, M. S. Lamento de Raça: Um registro sobre as representações de meio ambiente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. **Enciclopédia Biosfera**, v. 6, n. 11, 2010.

ALONSO, A.; COSTA, V.; MACIEL, D. **Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro**. Novos estudos CEBRAP, p. 151-167, 2007.

ALONSO, A.; ACOSTA, V. Ciências Sociais e Meio Ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico. **Brazilian Journal of Social Sciences Literature Reviews**, v. 53: 35-78, 02., 2002.

ALVES, V. A, et al. **Mad Maria, a ferrovia do diabo: entre a ficção e a História**. 2019.

AMARO, A. et al. **A pedra de ferro e o riachinho: Natureza e devastação em Drummond e Guimarães Rosa**. ITINERÁRIOS-Revista de Literatura, 2020.

- AMPARO, P. A. **No palimpsesto da sala de aula: a legitimação de obras literárias em disputa na escola.** Educação e Pesquisa, v. 49, p. e247334, 2023.
- AMORIM, A. R. **“A literatura em busca de um conceito”.** Bimensal, nº 2, Ano I. Maringá-PR, 2001. Disponível em: [www.urutagua.aem.br](http://www.urutagua.aem.br). Acessado em 17/09/2023.
- ANDRADE, F. A. T. **Recepção literária e mídias: uma breve análise de The Handmaid’s Tale.** Estação Literária, v. 24, p. 88-98, 2019.
- ANDRADE, V. C. C de et al. **Un coup d’oeil chez Milton Hatoum: marcas francesas na ficção contemporânea.** 2022.
- AIPIN, E. **Collected works: in 4 volumes. Vol. 2: Khanty, or the Star of the Morning Dawn.** St. Petersburg: Amphora, 2014.
- ARENDDT, J. C. **Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais.** *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2015.
- ARISTÓTELES, Tradução et al. **Poética.** Oxford: Clarendon Press, 1968. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2008.
- ARRUDA, A. A. **“ Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro.** 2007.
- ASANO, J. G. P.; POLETO, R. S. **Educação ambiental: em busca de uma sociedade sustentável, e os desafios enfrentados nas escolas.** *Revista Caderno Pedagógico*, v. 14, n. 1, 2017.
- AZEVEDO, J. B. **Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido.** 2015.
- AZZARI, R. **Meio Ambiente, Saúde e Educação Ambiental.** Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. São Paulo, 2019.
- BACELAR, A. **Pragmática de uma metáfora: a cidade ferida de Arquíloco a Píndaro.** *Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 30, n. 1, p. 29-42, 2017.
- BARBATO, L. F. T. **A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto.** *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 8, n. 15, 2014.
- BARROS, M. **Ensaio fotográficos.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- BARROS, M. **Para encontrar o azul eu uso os pássaros/ to find blue I use birds.** Tradução João Rache. 2.ed. Cuiabá: [s.n.], 2000. (Edição Bilingue).
- BARTHES, R. **Aula.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BATE, J. **The Song of the Earth.** Basingstoke and Oxford: Picador, 2000.
- BATE, J. **A Canção da Terra Londres:** Picador, 2001.
- BELMIRO, C. A. **Narrativa literária: suporte para a infância, texto para a juventude.** *Perspectiva*, v. 30, n. 03, p. 843-868, 2012.
- BERGTHALLER, H. **‘What is Ecocriticism?’** 27 April 2013. Disponível em: <http://www.easlce.eu/about-us/what-is-ecocriticism/>. Acesso em 20/06/2023.
- BERTRÁN, A. P. **Metáforas libres y metáforas lexicalizadas 1.** In: *Léxico español actual II.* Università Ca’Foscari di Venezia, 2009. p. 229-238.

- BERRY, W. **What are people for?** Francisco: North Point Press, 1990.
- BLASKO, D. G. **Only the tip of the iceberg**: who understands what about metaphor? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999.
- BOECHAT, F. B. **Espaço da identidade**: a relação entre espaço e personagens em *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum. Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- BOLOGNESI, M. F. **Vida e teatro em Guimarães Rosa**: Grande sertão: veredas e pirlimpisquice. *Trans/Form/Ação*, v. 8, p. 49-60, 1985.
- BRAUN, A. K. B. **O tratamento da polissemia em traduções da obra Romeu e Julieta de William Shakespeare**. Dissertação (Mestrado e Letras) – Faculdade de Letras de Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 9.795/99**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 2023. Disponível em [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=634068&filename=LegislacaoCitada+-PL+4692/2009](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=634068&filename=LegislacaoCitada+-PL+4692/2009). Acesso em: 24 jun. 2023.
- BRUGIONI, E.; MELO, A. C. **Ecocrítica(s)**: Literatura e Colapso ambiental. *Remate de Males*, v. 42, n. 2, p. e022002-e022002, 2022.
- BUELL, L. **The Environmental Imagination**: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- BUELL, L. **The Future of Environmental Criticism**: Environmental Crisis and Literary Imagination. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell Publishing, 2005.
- BUENO, R. V.; ALVES, M. M. Manaus, território de segregação: representações do espaço da cidade em "Cinzas do Norte", de Milton Hatoum. **Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES**, v. 1, n. 43, p. 164-182, 2023
- CAMPOS, P. M. A Idade Média na obra de Hermann Hesse. **Revista de História**, v. 44, n. 90, p. 357-379, 1972.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes/ Antonio Candido. – 3. ed.- São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.
- CANTARELLI, A. P. A construção narrativa em três estórias da terra, de Erasmo Linhares: o caso do narrador Zeca-Dama. **Revista Água Viva**, v. 4, n. 2, 2019.
- CARSON, R. **Silent spring**. Estados Unidos. 1962.
- CASTRO, J. **Fatores de localização da cidade do Recife**: um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.
- CHIARELLI, S. **Vidas em trânsito**: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. Annablume Editora, 2007.

- CIRÍACO, K. T. et al. Estratégias de leitura recorridas por professoras iniciantes na educação infantil. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 1, p. 01-19, 2021.
- COELHO, J. A. P. M.; GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 199-207, 2006.
- CONRADO, M. P.; NEVES BARROS, T. de N. M. A categoria “afro-indígena” na Amazônia paraense: usos, confluências e ambivalências em debate acadêmico. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 227-246, 2022.
- COSSON, R. **Letramento Literário: Entre a teoria e prática**. Ed. Contexto. São Paulo, 2006.
- COSTA, E. G. Metáfora, integração conceptual e pandemia: a multidisciplinaridade como chave metodológica. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 30, n. 59, p. 422-435, 2023.
- COSTA, M. R. S. **O Horizonte Escuro do Rio: Análise da Figura Paterna nos Romances de Milton Hatoum**. Editora Appris, 2021.
- CORREIA, C. A. Prática pedagógica: relato de experiência a partir da vivência de um professor de Literatura no Ensino Médio. **Revista Gestão em Conhecimento**, v. 8, n. 8, p. 4-4, 2021.
- COUTO, M. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Caminho, p. 157, 2005.
- COUTO, M. **Contos do nascer da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.
- CRISP, P. 'Imagism's Metaphors', **Language and Literature**, ed. 5, v. 2, p. 83, 1996.
- CRUZ, S. H. F. Educação Ambiental: práticas ambientais utilizando os espaços públicos na cidade de Manaus. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 10, n. 6, 2014.
- DA CRUZ, M. F. B. Formação do leitor literário na Educação Infantil: leiturando as fábulas. Interdisciplinar. **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 31, p. 43-57, 2019.
- DA FRANCA, I. A. P. L.; TELES, R. “The Shorthills Adventure”: Uma Leitura Ecocrítica. **Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica**, v. 1, n. 11, p. 59-72, 2023.
- DA ROSA, J. A. A. Allison Leão-Geração Amazonhecer. **A literatura no Amazonas: Tarô-bequê, o lua**, de Márcio Souza, v. 2, p. 138, 2017.
- DA SILVA, A. B.; CAMARGO, F. P. O espaço do outro: errância e exílio em Dois irmãos, de Milton Hatoum. **Letrônica**, v. 11, n. 3, p. 337-348, 2018.
- DA SILVA, A. M. L. **Representações da natureza na ficção amazonense**. 2008.
- DA SILVA, C. F. et al. Dimensões da Educação do Campo no Amazonas: pistas a partir da literatura especializada. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 6, p. e12403-e12403, 2021.

- DA SILVA, C. G. et al. A prática da leitura no ensino fundamental. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 2492-2503, 2021.
- DA SILVA, L. G. O conto da Floresta-Corredor: um "jogo de cordas" de Estado. **Ráido-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, v. 14, n. 34, p. 163-183, 2020.
- DA SILVA, P. H. M.; FONSECA, R. L. O ensino do conceito geográfico de paisagem por meio da literatura de cordel a partir de uma oficina pedagógica. **Geografia (Londrina)**, v. 27, n. 1, p. 161-173, 2018.
- DA SILVA MEDINA, M. J. História e ficção em Galvez Imperador do Acre, de Márcio Souza. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 19, 2013.
- DAVIDSON, D. **Lo que significan las metáforas**. La búsqueda del significado, p. 568-587, 1999.
- DE ALMEIDA, J. J. R. L. A luz como metáfora na teologia e na filosofia. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 3, p. 43-47, 2015.
- DE ALMEIDA ROCHA, W T. Travessias do infinito: a natureza e o extremo do possível do humano em Guimarães Rosa. Aletria. **Revista de Estudos de Literatura**, v. 33, n. 1, p. 118-138, 2023.
- DE ANDRADE, É. L. V. A literatura oral nas vertentes dos estudos dos contos populares na Amazônia. **Revista Exitus**, v. 4, n. 1, p. 169-179, 2014.
- DE CARVALHO, E. C. B. O Surgimento da Retórica e sua Evolução até Aristóteles. **Ελληνικο βλεμμα**, v. 1, n. 2, 2017.
- DE CARVALHO, A. C. F. Ecocrítica no Cordel "O Clamor do Meio Ambiente" de Abraão Batista. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 11, n. 34, p. 124-138, 2017.
- DE FIGUEIREDO, G. J. P. Três anotações sobre ecocrítica literária e direito ambiental. **Revista de Direitos Difusos**, v. 69, n. 1, p. 15-50, 2018.
- DE LIMA GRECCO, G. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, n. 11, 2014.
- DE MORAES, M. M.; DA SILVA TELLES, J. C. **O espaço geográfico e social em relação à literatura**. Anekumene, n. 12, p. 8-16, 2016.
- DE MELO RODRIGUES, A. M. et al. **Desenvolvimento da leitura na educação infantil: o papel da ludicidade**. Research, Society and Development, v. 11, n. 1, p. e52011125228-e52011125228, 2022.
- DE OLIVEIRA COELHO, W.; FURTADO, M. T. A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza. **Asas da Palavra**, v. 14, n. 1, p. 53-61, 2018.
- DE OLIVEIRA FERNANDES, F.; SANTOS, T. L. P. Os Casarões da Sete: entre edificações demolidas e cenários construídos no Centro Histórico de Manaus/AM (1998-2010). **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 18, n. 36, p. 118-145, 2021.

- DE OLIVEIRA TORRES, L. et al. **Análise situacional da atenção primária de saúde ribeirinha da cidade Manaus/AM**: um relato de experiência. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 5, p. e9412541545-e9412541545, 2023.
- DE SOUSA, A. V.; DA SILVA GONÇALVES, F. M. Estudos e perspectivas teóricas em torno do lugar da leitura literária na escola. **Alabe Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**, v. 28, n. 28, p. 123-139, 2023.
- DE SOUZA, J. C. A.; MARQUES, C. R. **Entre Platão e Saramago**: Uma Leitura Desmondiana da Relação entre a Filosofia, o Mito e o Poético através da Metáfora da Caverna. *Sapere Aude*, v. 7, n. 13, p. 359-375, 2016.
- DEGAN, M. L. M.; PÁSCOA, L. V. B.; NASCIMENTO, M. E. Cultura e urbanidade no Centro Histórico de Manaus: um estudo espacial e sensorial. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 29, 2021.
- DO PRADO, M. C. A. **Leitura e humanização: o letramento literário e a abordagem crítica do texto literário**. *Porto das Letras*, v. 8, n. Especial, p. 166-184, 2022.
- DOS RAMOS, A. S. et al. A relevância da educação ambiental para o desenvolvimento da sustentabilidade: uma breve análise. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 8, n. 4, p. 30-41, 2019.
- DOS SANTOS, I. Análise literária de Dois Irmãos, de Milton Hatoum: a busca pela identidade e o conflito familiar. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 14, n. 22, p. 112-125, 2021.
- DRUNKENMOLLE, T. A arte das metáforas científicas. *Cognitio: Revista de Filosofia*, v. 24, n. 1, 2023.
- DUTRA, S. et al. Miradas Ecológicas: Cultura y Naturaleza en América Latina. *História Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC). Revista de la Solcha*, v. 13, n. 1, p. 14-18, 2023.
- EMMOT, C. (2002). **Split selves in fiction and in medical life stories**: Cognitive linguistic theory and narrative practice. In SEMINO, E. e CULPEPER, J. (orgs.). *Cognitive Stylistics: Language and cognition in text analysis*, pp. 153-182. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins.
- ERNZEN, A. A. **A metáfora conceitual " subir na vida"**. 2023.
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2008.
- FALCÃO, C. M. et al. **O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e os itinerários da construção de um campo intelectual em Manaus-AM**. 2019.
- FABRI, N. B. et al. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2022.
- FERNANDES, J. A. Polissemia e metáfora no paradigma verbal do Português: o verbo Colher. **Revista da Faculdade de Letras-Línguas e Literaturas**, v. 17, 2020.
- FEIJÓ-DE-ALMEIDA, G. G. Estratégias das marcas territoriais na representação e reputação dos territórios no âmbito do desenvolvimento regional. **EURE (Santiago)**, v. 49, n. 146, p. 1-20, 2023.

FEITOSA, S. dos S. et al. Uma sequência didática utilizando a literatura de cordel e a arte das histórias em quadrinhos para inserção de tópicos de Física Quântica no Ensino Médio. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 2, p. 662-694, 2020.

FIUZA, D. H. A Ecocrítica e a Educação Ambiental no Ensino de História: uma proposta de análise a partir da revista Globo Rural. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, v. 4, n. 6, 2017.

FLORENCIANO, K. A. B.; BARBOSA, E. A. B. A prática da leitura no ensino fundamental: reflexões e possibilidades. **Horizontes-Revista de Educação ISSN 2318-1540**, v. 7, n. 13, p. 24-36, 2019.

FORNECK, K. L. O que a Neurociência tem a nos dizer (ou ainda não) sobre o processamento da metáfora? **Letras de Hoje**, v. 53, p. 140-148, 2018.

FONSECA, J. C. A.; COSTA, M. de S. Desafios na aprendizagem de Física no Ensino Médio das escolas públicas: Uma revisão da literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 7, p. e2812742440-e2812742440, 2023.

FRANKEL, R. D. Quando não utilizar dados biográficos na análise literária: Uma discussão baseada na analítica existencial de Martin Heidegger e no romance O lobo da estepe de Hermann Hesse. **Revista Criação & Crítica**, n. 12, p. 53-65, 2014.

FREEMAN, D. **Catch(ing) the nearest way**: Macbeth and cognitive metaphor. *Journal of Pragmatics*, 24, 1995.

FREEMAN, M. **Poetry and the scope of metaphor**: Toward a cognitive theory of literature. In A. Barcelona (ed.), *Metonymy and Metaphor at the Crossroads*, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, F. C.; VILARINO, M. T. B.; DOS SANTOS, M. A. **Os Soldados da Borracha: a migração de trabalhadores cearenses para a Amazônia no âmbito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. *História Unicap*, v. 6, n. 11, p. 107-117, 2019.

GANDRA, M. J. A. **A construção das identidades na Amazônia brasileira em Dois irmãos de Milton Hatoum e em A selva de Ferreira de Castro**. 2015.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

GEREMIAS, B. M. Navegar é preciso! Sobreviver é urgente! Metáforas de vida e de educação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 8, n. 23, p. e1107-e1107, 2023.

GIBBS, R. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GODOY, E.; SANTOS, S. L. **A metáfora como gatilho ostensivo do efeito: o paradoxo das coisas diferentes**. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 22, p. 403-420, 2023.

GOLDMANN, L. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- GOMES, G. M. O. **A Manaus de Milton Hatoum em Cinzas do norte**. Nau literária. Porto Alegre, RS. Vol. 3, n. 1 (jan./jun. 2007), p. 1-16, 2007.
- GOULART, C. M. A.; ABÍLIO, E. C.; MATTOS, M. S. de. **Letramento e Leitura da Literatura**. TV Escola, 2003. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br>. Acessado em 10/09/2023.
- GROSSI, M. G. R.; LEROY, F. S.; DE ALMEIDA, R. B. S. **Neurociência: Contribuições e experiências nos diversos tipos de aprendizado**. Abakós, v. 4, n. 1, p. 34-50, 2015.
- GUALDA, L. C. **Representações do feminino em Dom Casmurro: o silêncio de Capitu**. Línguas & Letras, v. 9, n. 17, p. 71-85, 2008.
- GUEDELHA, C. A. M. A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha. Florianópolis – SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. Ed. Papyrus. Campinas, 1995.
- GUIMARÃES, L. B.; WORTMANN, M. L. C. Passando a limpo a Amazônia através da literatura de viagem: ensinando modos de ver. **Espaço pedagógico**. Passo Fundo, RS. Vol. 17, n. 2 (jul./dez. 2010) p. 306-318, 2010.
- HAMILTON, C. **Mapping the mind and the body: On W.H. Auden's personifications**. Style, 36, 1996.
- HATOUM, M. **Relato de um certo oriente**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.
- HATOUM, M. **Dois irmãos**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2000.
- HATOUM, M. **Dois irmãos**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2006.
- HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.
- HATOUM, M. **Cinzas do norte**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2010.
- HERMENEGILDO, H. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**, v. 74, 2008.
- HIRAGA, M. K. **"Blending" and an Interpretation of Haiku: A Cognitive Approach**. Poetics Today, Vol. 20, No. 3, Metaphor and Beyond: New Cognitive Developments (Autumn, 1999). Published By: Duke University Press, 1999.
- IANNI, O. **Jesus na Amazônia**. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. Porantim: poemas amazônicos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Prefácio.
- INFANTE, G. Macau: espaço geográfico e espaço literário-pessoal na poesia de Yao Jingming. **Fragmentum**, v. 1, n. 35, p. 71-77, 2012.
- JESUS, L. C. et al. Recursos do ambiente familiar e desempenho de leitura em adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, 2022.
- JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. Belém: Cejup/Secult, 1997.
- KAUANA DE CARVALHO PENALVA, L.; DE CARVALHO PENALVA, L.; PENALVA, G. **Alteridade e diferença na Amazônia Brasileira: uma análise de**

- Dois Irmãos, de Milton Hatoum e Chove nos Campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. *Opiniões*, n. 19, p. 51-66, 2021.
- KLANOVICZ, J; FERREIRA FILHO, C. B. A fabricação de uma cidade tóxica: A Tribuna de Santos e os desastres tecnológicos de Cubatão (Brasil) na década de 1980. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 31, n. 48, p. 10-20, 2018.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor and emotion**. New York: Cambridge University Press, 2000.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**, Oxford: Oxford University Press, 2002.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge University Press, 2005.
- KRUGER, M. F. **Amazônia: mito e literatura**. 3. ed. Valer Editora. Manaus, 2011.
- KRÜGER, M. F.; DE SOUZA MORAIS, E. Alteridade e mistério em contos de Milton Hatoum. *Muiraquitã*, v. 9, n. 2, 2021.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAKOFF, G. **A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 9, p. 49-68, 1985.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. The University of Chicago Press. Chicago, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. Basic Books. New York, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. The University of Chicago Press. Chicago, 1989.
- LEÃO, A. **Milton Hatoum: regionalismo revisitado ou renegado**. In: Congresso Internacional da Abralic. 2011.
- LEECH, G. N. **Um Guia Linguístico para a Poesia Inglesa**. Longman. Nova Iorque, 1969.
- LEECH, G. **A Linguistic Guide To English Poetry**. Longman Group Ltd. London. 1985.
- LEMGRUBER, M. S. Argumentação, metáforas e labirintos. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 6, n. 13, 2009.
- LEÓN, C. B. R. et al. Consciência fonológica e habilidades iniciais de leitura e escrita na educação infantil: Dados normativos preliminares. *Revista CEFAC*, v. 21, 2019.
- LIMA, J.C.S. O papel da educação ambiental na preservação do meio ambiente. *Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável*, nº 2, Vol. 1. São Paulo, 2015.

- LIMA, K. S. de et al. **Áspero chão da restinga: os seringais ficcionais de Arthur Engrácio**. 2022.
- LINHARES, E. **O tocador de charamela**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas, Edua, Uniorte, 2005.
- LISBOA, F. S.; ZORZANELLI, R. T. Metáforas do cérebro: uma reflexão sobre as representações do cérebro humano na contemporaneidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, p. 363-379, 2014.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LODGE, D. **The Modes of Modern Writing: Metaphor, Metonymy and the Typology of Modern Literature**. London: Edward Arnold; Ithaca: Cornell University Press, 1977.
- LORENZ, G. W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.
- LOUREIRO, J. J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém. Ed. Cejup, 1995.
- LOUREIRO, J. D. J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Ed. Cultural Brasil. Belém, 2019.
- LUIZ, L. S. et al. **História e ficção em Manaus do século XX: "Dois Irmãos" de Milton Hatoum**. 2020.
- LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **Dom Casmurro (1899)**. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.I.
- MALIGO, P. Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. *Revista usp*, n. 13, p. 48-57, 1992.
- MARANDOLA JR, E. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. *Geografia*, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.
- MARCHEZAN, L. G. As metáforas da casa e do mar em Dom Casmurro. *Revista da anpoll*, v. 1, n. 24, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. A propósito da metáfora. *Revista de Estudos da linguagem*, v. 9, n. 1, p. 31-70, 2000.
- MARÍN, J. A. et al. Influência da aplicação de um plano de leitura na motivação, inteligência emocional, fluência e compreensão leitora em alunos espanhóis do ensino fundamental. *Texto Livre*, v. 16, p. e41548, 2023.
- MARQUES, E. C. A. **"A metáfora" pessoa é animal" em usos do Twitter: uma evidência de "especismo"?** Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro, 2022.
- MARTINS, I. **A simbologia da casa em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. *Tabuleiro de Letras*, v. 16, n. 2, p. 152-168, 2022.
- MARTINS, L.; MENDES, T. **Literatura infantil e a Educação ambiental**. *Aprender*, p. 151-156, 2013.

- MATHIAS, D. **Percepções da natureza no poema “Näheres Über Einen Baum” de Hans Magnus Enzensberger**. Gragoatá, v. 28, n. 61, 2023.
- MAURÍCIO, L. V. Literatura e representações da escola pública de horário integral. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 40-56, 2004.
- MAYER, S. **Ecofeminism, Literary Studies and the Humanities**. Nature in Literary and Cultural Studies: Transatlantic Conversations on Ecocriticism. Eds. Catrin Gersdorf and Sylvia Mayer. Amsterdam: Rodopi, p. 113-128, 2006.
- MEDEIROS, I. S.; SANTOS, R. Y. **O processo cognitivo de construção das metáforas conceituais: resignificando a aprendizagem**. QUIPUS-ISSN 2237-8987, v. 4, n. 1, p. 23-31, 2015.
- MELLO, T. **Acerto de Contas**. São Paulo: Global, 2015.
- MELLO, T. **Como sou**. Seleção de Poemas de Thiago de Mello. São Paulo: Editora Global, 2013.
- MELLO, T. **Faz escuro mas eu canto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MELLO, T. **Os estatutos do homem**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- MELO NETO, J. C. **Obra Completa**. Org. SECCHIN, Antônio Carlos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, p.819, 2007.
- MENEZES, J. C. A metáfora para Borges, Aristóteles, Vico e Nietzsche. **Revista Memento**, v. 3, n. 1, p. 161-171, 2012.
- MENDES, J. GREEN MARBLE 2023. **Encontro internacional de estudos do antropoceno e ecocrítica**. Ecoturismo e ecoviagens no antropoceno. Exposição “arte e alterações climáticas”/International meeting on anthropocene studies and ecocriticism. Ecotourism and ecotravel in the anthropocene. Exhibition “art and climate change”-Programa & Resumos & Catálogo da exposição/Program & Abstracts & Exhibition catalogue. 2023.
- MENDES, M. C. P.; CARDOSO, S. **No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica**. 2020.
- MENDES, N. BNCC e o professor de literatura: água que corre entre pedras. **Revista Teias**, v. 21, n. 63, p. 135-147, 2020.
- MESQUITA, F. F. **A Amazônia de direitos humanos a partir da obra dois irmãos, de Milton Hatoum**. 2022.
- MIRANDA, L. M. Cidades, águas e ilhas no estuário amazônico. **Labor e engenho**, v. 9, n. 2, p. 81-92, 2015.
- MICHELETTI, E. F. A personagem é espaço: metáfora, personificação e coisificação na literatura de Mia Couto. **Revista Topus**, v. 3, n. 2, p. 40-55, 2017.
- MONTESSORI, M. **Mente Absorvente**. 2ª ed. Editorial Nordica. Rio de Janeiro, 1949.
- MORAES, V. **A vida nua na literatura de Dalcídio Jurandir: uma reflexão sobre os campos da Amazônia e os campos de Auschwitz**. Profanações, v. 4, n. 2, p. 13-36, 2017.

MORAIS, A. G.; SILVA, A.; NASCIMENTO, G. S. Ensino da notação alfabética e práticas de leitura e escrita na educação infantil: uma análise das três versões da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.

MOREIRA, G. A. V.; GONÇALVES, M. V. P.; DA PORCIÚNCULA, D. C. L. O compromisso social da Educação Ambiental no âmbito da escassez hídrica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 17, n. 2, p. 389-414, 2022.

MOSCARDINI, M. et al. **Os percursos dos atores Lavo, Mundo e Jano: A enunciação e o enunciado nas Cinzas do Norte**. 2010.

MOURA, F. No lançar dos dados: sujeitos ambivalentes e fronteiras imaginadas em Erasmo Linhares. **Revista Decifrar**, v. 2, n. 4, p. 149-149, 2014.

MOURA, L. L. Campo de Cruzes: ditadura e as mudanças no espaço da amazônia em Cinzas do Norte. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 16, p. 313-321, 2020.

MUKAROVSKY, J. **Aesthetic function, norm and value as social facts**. Translated from Czech, with notes and afterword by Mark E. Suino. Publisher Ann Arbor: Department of Slavonic Languages and Literature. University of Michigan, 1970.

NARCIZO, K. R. dos S. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, 2009.

NASCHOLD, A. C. et al. As neurociências da leitura e a educação infantil. **Palavras-revista em linha**, v. 2, n. 2, p. 81-96, 2019.

NASCIMENTO, D. V. K. Livro didático e leitura literária nos anos finais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, p. 119-145, 2019.

NEGREIROS, L. B. **Os lampejos da memória em dois irmãos, de Milton Hatoum**. 2022.

NEPOMUCENO, M. Capitu: a metáfora possível. **Encontros de Vista**, v. 13, n. 1, p. 18-27, 2014.

NETO, J. F. **Platão e Nietzsche: verdade e metáfora na linguagem**. Encontros de Vista, v. 3, n. 1, p. 84-92, 2009.

NISHIKIDO, L. M. T.; ANDREATTA, E. P.; FERREIRA, C. J. **Dois irmãos: escritura, espaço e cultura em Milton Hatoum e Germano Almeida**. 2021.

NOGUEIRA, C. Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira. **Studies in Latin American Popular Culture**, v. 34, n. 1, p. 128-146, 2016.

NOGUEIRA, W. Globalização e turismo. Somanlu: **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 2, n. 2, p. 113-220, 2002.

NOGUEIRA, C. Contribuições para a Educação Ambiental Crítica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 18, n. 3, p. 156-171, 2023.

NONATO, E. R. S. Cultura digital e ensino de literatura na educação secundária. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 534-554, 2020.

- NOWOTTNY, W. **The language poets use**. Publisher Athlone Press. Corrected edition. Michigan, 1965
- NUNES, P. Útero de areia: uma metáfora em Dalcídio Jurandir. **MOARA-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras** ISSN: 0104-0944, v. 2, n. 27, p. 171-185, 2016.
- NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Leitura e escrita na educação infantil: contextos e práticas em diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 100-129, 2019.
- OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul, Florianópolis**, v. 23, n. 46, p. 7-32, 2008.
- OLIVEIRA, K. R. S.; FERREIRA, S. P. A. Compreensão de textos literários por alunos da educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019.
- OLIVEIRA, M. C. **Conto Zeca Dama uma reflexão acerca da importância do conto regional para a valorização da cultura amazônica**. 2019.
- PAYÃO, G. T.; ANNIBAL, S. F. Tendências do ensino de literatura no livro didático do ensino médio. **Educação: Teoria e Prática**, v. 31, n. 64, 2021.
- PEIXOTO, M. C.; DE ARAÚJO, D. L. **O conceito de leitura na BNCC do ensino fundamental**. **Leitura**, n. 67, p. 55-68, 2020.
- PEREIRA, A. E.; GABRIEL, R.; JUSTICE, L. M. **O papel da formulação de questões durante a leitura compartilhada de livros na educação infantil**. *Ilha do Desterro*, v. 72, p. 201-221, 2020.
- PEREIRA, S. S.; CURI, R. C. Meio ambiente, impacto ambiental e desenvolvimento sustentável: conceituações teóricas sobre o despertar da consciência ambiental. Reunir **Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 2, n. 4, p. 35-57, 2012.
- PEREIRA, M.V. **As tartaruguinhas marinhas**. Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- PESSOA, M.; DE LIMA, M. H. **Resquícios do patriarcado nas relações familiares presentes na obra dois irmãos (MILTON HATOUM)**. Cine-Fórum UEMS, 2021.
- PESSOA, M. et al. **A narrativa ex-cêntrica e a formação identitária das personagens em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- PIGNATARI, D. Metáfora: barroco, surrealismo, Rosa. **Revista USP**, n. 36, p. 96-99, 1997.
- PILKINGTON, A. **Poetic effects**. A Relevance Theory perspective. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.
- PINTO, F. N. P.; MAGALHÃES, H. G. D. Contribuição da ecocrítica ao ensino da literatura. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, ISSN-e 2526-4850, Vol. 3, Nº. 1, 2013,
- PINTO, C. C. **A memória da cidade de Brasília na obra a noite da esperança, de Milton Hatoum**. 2023.

- PISKE, G.; NEITZEL, de A. **Mediação de leitura do literário no Ensino Médio**: a leitura como acontecimento. *Horizontes*, v. 38, n. 1, p. e020047-e020047, 2020.
- PLATÃO. **A República**. Livro VII. Tradução de Enrico Corvisieri in: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.
- RABELO, A. F.; DE LIMA FERREIRA, M. Produção oral e escrita: utilização dos mitos e lendas amazônicos. *Diversitas Journal*, v. 8, n. 3, 2023.
- REIGOTA, M. **A devastação ecológica em cinzas do norte de Milton Hatoum**. *Psicologia & sociedade*, v. 26, p. 707-715, 2014.
- RENTE, R. S. A dimensão regional na literatura e sua importância para o pensamento social brasileiro. *Revista Sinais*, v. 22, n. 2, 2018.
- RICOUER, P. **Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II**. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto RÉS, 1989.
- RICOEUR, P. A metáfora viva. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.
- RIGBY, K. **'Ecocriticism'**. *Introducing Criticism at the 21st Century*. Ed. Julian Wolfreys. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.
- ROCHA, S. N. et al. **Relações sociais no romance Dois Irmãos de Milton Hatoum**. 2015.
- ROSA, M. M. C. **Na aquarela do discurso: memória, metáfora e metonímia**. *Cadernos do IL*, n. 61, p. 298-321, 2020.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROLON, R. B. B.; DOS SANTOS, F. B. Narrativas da floresta: a literatura indígena no Amazonas. *Revista ECOS*, v. 29, n. 2, 2020.
- RUECKERT, W. "Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism." In *Iowa Review* 9, nº 1 (1978): p. 71-86.
- SALES, V. O. **Representação da figura feminina nos seringais**: uma análise de Maíbi de Alberto Rangel, Zeca-Dama e João Carioca-mandão e famão-juiz de paz, de Erasmo Linhares. 2018.
- SALIÉS, T. G.; DA SILVA, A. S. **Interrelações entre linguagem, cultura e cognição em contextos de uso**: complexidade e vieses transdisciplinares. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 30, n. 59, p. 225-238, 2023.
- SALLEH, A. **A tecnociência pós-moderna e o trabalho de cuidador**. Departamento de Economia Política da Universidade de Sydney. Tradução: Murillo van der Laan. Revisão: Mariana Shinohara Roncato, Rafael Toitio e Felipe Milanez. *cadernos cemarx*, nº 10, 2017.
- SANTANA, J. B. **A escrita do "filho de ninguém"**: um estudo sobre o narrador do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Ed. Dialética, 2023.
- SANTINI, J. **A Formação da Literatura Brasileira e o regionalismo**. O eixo e a roda, p. 69-85, 2011.

- SANTO, B. J. E. **Metáforas no discurso dos mortos**: o caso do Vale do Amanhecer. Enlaces, v. 2, p. e021006-e021006, 2021.
- SARDINHA, T.B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- SEPULVEDA, C. de A. S. e. **Perfil de adaptação e ensino de evolução: uma metodologia de uso de perfis conceituais no planejamento de ensino**. Investigações em Ensino de Ciências, v. 25, n. 2, p. 56-79, 2020.
- SHEAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 7-13.
- SHORT, M. **Exploring the language of poems, plays and prose**. Longman. London, 1996.
- SILVA, A. K. M. **Abordagem de temas em uma escola particular: análise de uma experiência vivenciada**. Dissertação de Mestrado, UNB: Brasília - DF, 2013.
- SILVA, V. B.; CATANI, D. B. **Metáforas e comparações que ensinam a ensinar: a razão e a identidade da pedagogia nos manuais para professores (1873-1909)**. História da Educação, v. 23, 2019.
- SILVA, E. S.; ANDRADE, E. C. Ciborgues são elas, alienígenas são os outros: reflexões sobre gênero e sci-fi em A mão esquerda da escuridão, de Ursula K. Le Guin. Via Litterae (ISSN 2176-6800): **Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 13, n. 1, p. 112-126, 2021.
- SIMÕES, M.D.L.N. **Identidade Cultural e Expressões Regionais**. Ilhéus: Editus, 2006.
- SOBOLEV, D. **Hopkin's rhetoric**: Between the material and the transcendent. Language and Literature, 2, 2003.
- SOUZA, M. **A expressão amazonense**: Do colonialismo ao neocolonialismo. 2. ed. Manaus: Valer, 2003.
- SOUZA, L. J. B. **Cidade flutuante uma Manaus sobre as águas**: Culturas, memórias e histórias fluídas. Editora CRV, 2023.
- SPERBER, D; WILSON, D. **Relevance**: Communication and Cognition. Oxford: Blackwell, 1986.
- SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: communication & cognition. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- SUGIZAKI, M. E. A. **A alteridade e a letra em John Donne**: tradução e crítica. 2018.
- SWAN, J. **Life without parole**: Metaphor and discursive commitment. State University of New York College at Buffalo. Style. Buffalo, 2002.
- THOREAU, H. D. **Material faith**: Thoreau on science. Ed. Laura Dassow WALLS. Boston; New York: Houghton Mifflin, 1999.
- TRINDADE, L. M. **Romeu e Julieta**: estudo comparativo entre uma tradução e uma adaptação do texto shakespeariano. Entrelinhas, v. 6, n. 1, p. 40-55, 2012.

TRISTÃO, R. B. **O Significado Cultural do Wilderness e o Pensamento Ecológico em Desert Solitaire: A Season in the Wilderness.** *Porto Das Letras*, vol. 6, nº 4, 50-72. Palmas, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9424>. Acesso realizado 14 setembro de 2023.

TSUR, R. **On Metaphoring.** Cognitive Poetics Project. Katz Institute for Hebrew Literature. Tel Aviv University, 1997.

TSUR, R. **Toward a theory of cognitive poetics.** North-Holland, 1992

TSUR, R. **Poetic Rhythm.** Structure and Performance. An empirical study in cognitive poetics. Bern: Peter Lang, 2000.

VALENTIM, M. A. Fascismo, a política oficial do Antropoceno. IHU On-line. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, p. 75, 2018.

VEREZA, S. C. **O lócus da metáfora:** linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, n. 2, p. 199-212, 2010.

VIANA, H. J. A novela 'Hora da Estrela como metáfora místico-filosófica: um encontro de Benedito Nunes e Clarice Lispector. **Revista Apoena-Periódico dos Discentes de Filosofia da UFPA**, v. 3, n. 5, p. 187-195, 2021.

VIANNA, A. M. Idolatria e concupiscência: por uma leitura reformada de Romeu e Julieta. **Rev. Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 80, 2008.

VIEIRA, J. L. A. **Educação ambiental.** UFSC. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/principal.html>. Acesso em: 09 de jun. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. 5ª.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

WALSH, F. **Family resilience:** A framework for clinical practice. *Family Process* 42 (2), pp. 1-19. Chicago, 2003.